



NÃO PINTCHA

* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

A 19 de Setembro forjou-se a arma maior da liberdade e do progresso do nosso povo

«Sou um simples africano que quis viver a sua época e pagar a sua dívida para com o seu povo». Com esta frase ao mesmo tempo modesta e profunda, Amílcar Cabral, o genial criador do nosso Partido, definiu o militante e a insigne missão que lhe incumbia.

Assim também se definem todos os que, tendo Cabral como guia e inspirador e irmanados pela motivação comum, se lançaram a 19 de Setembro de 1956, responsável e abnegadamente no histórico caminho de luta, única via para que o homem da Guiné e de Cabo Verde pudesse viver a sua época e pagar a sua dívida para com o seu povo.

Para o pequeno núcleo que, a 19 de Setembro de 1956, fundou o nosso glorioso Partido, a dolorosa e exaltante marcha para a liberdade era o único processo de satisfazer cabalmente as exigências que o transportariam do passado de opressão para o presente de combate e de esperança, fazendo-o assim merecer a sua condição de melhores filhos de Guiné e Cabo Verde.

As forças do colonialismo, que até então tinham mantido os nossos povos fora da História e se determinavam a ignorar a época de libertação que se abria já para o nosso continente, tinham, por esse facto, definido o caminho a seguir.

Amílcar Cabral e os seus generosos companheiros, decididos a fazer parte do presente de luta que iria destruir o passado de indignidade e aviltamento, assumiram com responsabilidade e coragem a histórica decisão de criar o nosso Partido, alimentados pela consciência de que ele seria o único instrumento capaz de garantir o sucesso na longa luta que nos esperava no sentido da liberdade e do progresso.

Fundado por Cabral e seus companheiros, o PAIGC surgiu assim, naturalmente, como a Organização de Vanguarda, produto de uma época histórica definida que os nossos povos viviam e que Cabral tão genialmente captou e dinamizou.

A vitoriosa luta que o nosso Partido desenvolveu contra o colonialismo português está na base de decisivas vitórias que permitiram transformar o homem da Guiné e Cabo Verde, defraudado por séculos de opressão, no homem novo virado para o progresso, integrado na nova era de liberdade e de dignidade reconquistadas.

Para que esse homem novo e essa nova era surgissem, pagou-se elevado preço em vidas, que se ofereceram para realizar até às últimas consequências a insigne missão que a História o nosso povo e o nosso Partido determinavam. Cabral e os nossos heróis nacionais, assim como o combatente anónimo, souberam viver a sua época. Constituem, por esse facto, um exemplo que permanecerá sempre vivo e para o qual nos teremos de virar quando, na prática da nossa vida, perguntarmos responsabilmente o que exigem de nós o nosso povo e o nosso Partido.

No momento em que comemoramos o XXII aniversário da fundação do glorioso PAIGC, o espírito que nos anima na exaltante actualidade da Reconstrução Nacional entrelaça-se intimamente com o sentimento de orgulho que sentimos pelo caminho de combate, de sacrifícios e de vitórias

(Continua na página 8)

XXII aniversário da fundação do Partido

CONSTATAÇÃO DO VIGOR CRESCENTE DO PAIGC

«Esta sessão solene de comemoração do XXII aniversário do nosso grande Partido — o PAIGC — revela-nos toda a sua dinâmica, toda a sua vida que a cada etapa renasce com mais força do que tinha antes» disse o secretário-geral adjunto do PAIGC e presidente do Conselho do Estado, Camarada Luiz Cabral, no seu discurso que encerrou, a cerimónia de comemoração deste 19 de Setembro de 1978, data que marca o 22.º Aniversário da fundação do PAIGC.

O «Salão Abel Djassi» da Ex-Associação Comercial que passará, a partir de hoje, a ser sede do Partido, estava completamente cheia. Em saudação ao camarada Luiz Cabral e outros altos responsáveis do Partido que, tomando o seu lugar na mesa de honra, iriam presidir a reunião, uma grande salva de palmas, seguida de um desfile dos Pioneiros Abel Djassi, através do salão, deu-se assim início à cerimónia, no fim da tarde de hoje.

Coube a primeira intervenção ao pioneiro Francisco José Mendes que falou em nome da Organização dos Pioneiros Abel Djassi, a qual completou hoje 12 anos de existência. Ele reafirmou, nas suas breves palavras, a determinação dos pioneiros em continuarem a trabalhar com afinco, para serem os verdadeiros continuadores de Cabral. Em seguida, os pioneiros convidaram os componentes da mesa de honra a receberem das suas mãos o simbólico lenço amarelo dos Pioneiros Abel

Djassi, gesto que foi vibrantemente aplaudido.

Em seguida falou o camarada José Araújo, secretário executivo da Comissão Permanente do Comité Executivo de luta do P.A.I.G.C., que fez uma longa introdução do decorrente programa de trabalhos de comemoração do 22.º Aniversário da fundação do nosso grande Partido.

O camarada Araújo começou por saudar, aqueles que, em 19 de Setembro de 1956, sob a direcção do saudoso camarada Amílcar, criaram as bases sobre as quais cresceu o nosso grande Partido. Ele salientou a presença no salão de dois desses camaradas que são, Luiz Cabral e Fernando Fortes, este do Conselho Superior de Luta do PAIGC e Comissário dos Correios e Telecomunicações. José Araújo salientou o nome do camarada Aristides Pereira, um dos fundadores do PAIGC e actual

(Continua na página 8)



Na alegria do presente a certeza na vitória do amanhã

Acordos de Camp David

Uma paz rejeitada pelo mundo árabe

● Ministro egípcio demite-se

PARIS, 18 — O Presidente Carter, depois de 13 dias de suspense, parece ter ganho a sua partida: o Egipto e Israel comprometeram-se a fazer uma paz. Paz, no entanto, categoricamente rejeitada pela Organização de Libertação da Palestina que considera «o acordo bilateral entre Sadate e Begin como servindo unicamente as ambições expansionistas de Israel no Próximo-Oriente». Para além disso, Sadate está a braços com a negação da Jordânia em participar no plano do Camp David (intensão igualmente demonstrada pela maioria dos países árabes), e com a

demissão do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Mohamed Ibrahim Kamel.

Na tarde de domingo, na Casa Branca, o presidente Sadate e o Primeiro-Ministro Begin assinaram dois acordos estabelecendo «um programa para a paz no Médio-Oriente» e «um quadro para a conclusão de um tratado de paz» entre o Egipto e Israel.

Israel começará a retirar as suas tropas do Sinai a três ou nove meses após a assinatura do «tratado de paz» e terminará a sua evacuação daqui a dois ou três anos. É característico que Sadate tenha aceite

estas condições apesar de — Begin sublinhou-o bem no final do encontro — «Israel não pretende satisfazer as

(Continua na página 8)

UNTG presente na conferência sindical caboverdiana

A UNTG (União dos Trabalhadores da Guiné-Bissau), encontra-se representada na Segunda Conferência Sindical caboverdiana que começou hoje na cidade da Praia, pro'ongando-se até ao dia

24 do corrente.

A Conferência foi organizada pela Comissão Organizadora dos Sindicatos Caboverdeanos (COSCV), e tem

(Continua na página 8)

Hoje
suplemento
especial
22.º
aniversário
do
PAIGC

Titina Silá

Bela jovem Africana,

Tu foste a nossa companheira em muitas horas

[difíceis

Tu foste a nossa companheira no mato escuro

Tu foste a nossa irmã de luta e de armas

Bela jovem Africana,

Foste bem be'a,

Quando o nosso suor, as nossas lágrimas e o nosso

[sangue

Se confundiram na hora de dor!

Bela jovem Africana,

És hoje ainda mais bela!

No teu sorriso, bem gravado na nossa memória,

Encontramos o belo futuro do Povo da Guiné e

[Cabo-Verde

És hoje ainda mais bela!

No teu o'har encontramos

O caminho bem traçado e bem firme

Que nos conduzirá à vitória!

Bela jovem Africana!

Tu caíste no campo de batalha

Quando na hora de sofrimento,

Com lágrimas nos olhos,

Mochi'a nas costas e arma na mão,

Ias assistir ao mais trágico funeral da nossa vida!

O funeral do nosso tão saudoso líder

Amílcar Cabral!

E no rio Farim, desapareceste, desapareceste para

[sempre

Desapareceste sim,

Mas não dos nossos corações!

Bela jovem Africana!

Podes estar certa que estás no coração de todos

[nós!

Podes estar certa que estás

no coração das nossas crianças!

Elas são as flores do teu campo,

as testemunhas da tua revolução!

G'ória eterna à memória da camarada

[TITINA SILLA

João Herculano

A Criança:

Um homem em ponto pequeno ou um ser em desenvolvimento?

A psicologia ensina-nos que a criança não é um homem em ponto pequeno, mas sim um ser em desenvolvimento, com as suas características e natureza próprias, adaptadas ao grau do seu desenvolvimento psicológico.

Assim, ela só poderá compreender e interpretar o que encontra ao alcance da sua mentalidade.

Começo por abordar um assunto que muito me preocupa, como futura professora da nossa sociedade em construção.

É com grande indignação, para não dizer tristeza, que verifico uma grande ausência de crianças aos nossos cinemas, até mesmo bebês de colo. E o mais escandaloso é que ninguém parece preocupar-se com isso. Não se põe obstáculo a nenhum espectador que se apresenta acompanhado de crianças. Os filmes para adultos podem ser vistos igualmente por crianças.

O que interessa é esgotar a lotação! Ora, numa altura em que a criança ainda não construiu os mecanismos necessários para a aquisição da leitura, a imagem desempenha um papel determinante. Uma vez mal compreendida e mal interpretada, a imagem fica no plano psíquico da criança, podendo provocar graves problemas no domínio da sua vida afectiva.

O PODER DA IMAGEM

Ora vejamos: uma criança que vê um indivíduo apunhalar outrém, ou vê um homem a ser lançado num poço ou mesmo no fogo não pode compreender o por-

quê desse gesto, pois não sabe ler ou, se sabe, não o pode fazer apressadamente. Porém, o que lhe fica na mente é a imagem. Imagem essa que pode provocar na criança imensos problemas, como, já disse, e que pode ir desde uma perturbação de ordem afectiva, (a agressividade, vingança, etc) a traumatismos e até mesmo a um sério bloqueamento no seu desenvolvimento psicológico.

Por isso, pergunto:

Porquê que não há um devido controle quanto à assistência de crianças aos filmes?

Será por falta de conhecimento ou por um simples desinteresse?

Se fôr por falta de conhecimento, aqui fica o meu pedido, em especial os serviços de informação no sentido de dar todo o apoio na aquisição de filmes próprios para crianças, mesmo que sejam passadas só duas vezes por mês. Mas que sejam filmes adequados ao grau de desenvolvimento infantil, filmes que visam sobretudo o desenvolvimento de certas capacidades e atitudes, tais como a capacidade de iniciativa, de responsabilidade, de observação, assim como a formação de muitos que se pretende desenvolver na criança. O desenvolvimento da expressão corporal através do movimento e o da comunicação através do drama, é o outro aspecto bastante importante, não esquecendo contudo que a criança vive do maravilhoso, ela gosta de imaginar, vive num mundo imaginário, para ela o imaginário é o verdadeiro, ainda que se aperceba da contradição.

Daí que os filmes de ficção, revestindo um carácter imaginativo e maravilhoso, desempenham um papel importante na vida da criança e podem até constituir uma forma de resolução de inúmeros problemas de ordem afectiva que a criança pode ter. Não deixando aqui de realçar os bons filmes de ficção científica, que se revestem de grande importância na medida em que nós, os professores, pretendemos desenvolver nas nossas crianças um espírito científico, crítico e criativo, virado para a descoberta do universo, já que as nossas escolas não dispõem de possibilidades para a concretização destes objectivos através dos meios audiovisuais, essa poderá constituir uma ajuda aos serviços da Educação, na sua tarefa da construção do homem novo e na formação das nossas crianças.

UM BOM EXEMPLO

Nesta ordem de ideias, tenho a felicitar os serviços de informação pelo grandioso filme infantil que se exibiu há 3 semanas, sobre as maravilhas da natureza, um filme bastante positivo e que vai criar na criança uma capacidade de

observação muito grande, permitindo-lhe situar cada animal no seu próprio meio ambiente, permitindo também uma melhor inserção da criança em relação ao seu próprio meio.

Vou terminar, apelando para o espírito crítico de todos os leitores, mas em especial para os serviços de informação, assim como para os próprios pais, encarregados de educação, e professores em geral. Os serviços de informação desempenham um papel bastante importante na formação do Homem Novo. Não se pode admitir que, enquanto os serviços de Educação luta incessantemente para a formação do homem, há uma outra entidade que procede em sentido contrário.

A verdadeira educação na nossa terra, só será conseguida através duma combinação de forças, no sentido de formar realmente um homem novo dotado de capacidades e com um espírito são. Os serviços de informação não devem ignorar que o bom desenvolvimento afectivo da criança é uma base indispensável para a formação da personalidade humana. (da nossa colaboradora Alexandra Lopes Correia — aluna bolseira do Magistério Primário)

Joseph Turpin visita Estocolmo

A convite da Associação de Pesca da Suécia e da SIDA, partiu no sábado passado para Estocolmo, o camarada Joseph Turpin, membro do Conselho Superior da Luta e secretário de

Estado das Pescas.

Os seus contactos com as autoridades suecas, relacionar-se-ão com o desenvolvimento da pesca artesanal, cujo projecto tem sido financiado pela SIDA.

Responde o Povo

O 19 de Setembro e a luta de um povo pela independência

O nosso grande partido, o PAIGC, completa hoje 22 anos de existência. Foram anos de uma dura e longa luta de um povo escravizado havia mais de quinhentos anos, luta essa que começou a tomar forma e estrutura a partir de 19 de Setembro de 1956, data da fundação do nosso Partido, sob a orientação do nosso saudoso «leader», camarada Amílcar Cabral. A partir desta data, o colonialismo português passou a enfrentar uma das maiores armas senão a mais determinante da sua destruição: o povo da Guiné e Cabo Verde, armado política, ideológica e materialmente pelo seu Partido de vanguarda. O PAIGC nasceu na clandestinidade em Bissau, de um núcleo de apenas, meia dúzia de filhos do povo, para se tornar num Partido que se pôs à prova como elemento único de libertação do nosso povo nas mais duras e inimagináveis condições de vida de guerrilha. Duas pessoas rememoram aqui algumas impressões desse tempo. Disse-

TIVE CONHECIMENTO DO PARTIDO EM 1964

Veríssimo Correia, proprietário de horta em Can-

chungo, 46 anos de idade — «Assim de momento, é-me muito difícil tentar recordar algumas coisas que se passaram naquele ano de

1956. Eu tinha vinte e tal anos (24). Nessa altura fui para Bolama a ver se encontrava trabalho. Mas depois tive de regressar a Bissau porque não encontrei nada. Em 1959, deu-se o massacre de Pindjiguiti, e eu já estava aqui em Bissau Novo. Quando soubemos do acontecimento, eu e mais outros companheiros tivemos até medo de chegar nessa zona do porto para ver o que se passava, porque estavam lá polícia que não deixavam.

Nesse meu tempo de juventude, conheci o camarada Amílcar Cabral na Granja pois eu ia lá tomar banho no rio, mas não cheguei

a ter intimidade com ele.

Não sabia que ele fazia mobilizações para a luta nessa altura. Portanto, só comecei a ter conhecimentos concretos sobre o Partido em 1964, sobretudo quando um meu amigo, Pedro da Silva foi preso pela tropa colonial quando tentava fugir para a fronteira, na área de Tombali. Um dia, quase eu era também preso, quando ia para Cantchungo visitar a família. Esta data de 19 de Setembro, só a conheci depois da nossa independência. Nunca ouvira falar nela antes, apesar de ter escutado algumas vezes a Rádio Libertação».

EM CADA 19 DE SETEMBRO O PARTIDO TEM MAIS FORÇA

Aquíno Pereira Monteiro, pedreiro, 39 anos de idade — «Naquela altura que o Partido foi fundado, a luta estava ainda na clandestinidade. Por isso, apesar de ser aqui em Bissau, muitas pessoas não tiveram conhecimento disso. Eu só vim a saber que o Partido existia, já quando desencadeou a luta armada em 1963. Mais tarde, passei a ouvir a Rádio Libertação na casa de uns meus amigos no Reno de N'jacá, e ouvia falar dessas datas importantes como

o massacre do Pindjiguiti e outras.

Eu considero esta data de extrema importância para o nosso povo, por isso, devemos trabalhar para que, em todos os anos que comemoramos esta data, o Partido tenha mais força. No tempo colonial, eu cheguei a passar pelas profissões de pintor, carpinteiro e pedreiro. Não se podia ter uma profissão fixa, por falta de emprego. Agora eu sou só pedreiro, porque tenho sempre trabalho de pedreiro. Desde a independência, nunca mais parei de trabalhar».

Não se pode levantar um Estado em três anos

● Pedro Pires aos emigrantes (2)

«Não se pode levantar um Estado com todas as suas estruturas, com todo o seu pessoal, em três anos», afirmou o Primeiro-Ministro de Cabo Verde, camarada Pedro Pires, dirigindo-se aos representantes das comunidades caboverdianas no exterior, durante o recente encontro de S. Vicente. Na sua intervenção, cuja primeira parte publicámos no número anterior, o Chefe de Governo caboverdiano levanta as questões que se colocam ao jovem país em relação aos emigrantes caboverdianos no estrangeiro e as medidas encetadas no sentido de responder satisfatoriamente às mesmas, de acordo com as directrizes do Governo.

É possível e é mesmo verdade que não tenhamos podido resolver nem a metade dos problemas que existem ou dos problemas que têm os nossos compatriotas que vivem fora; é muito possível que assim seja mas camaradas é preciso ter em consideração que não se pode construir em 3 anos; não se pode levantar um Estado com todas as suas estruturas com todo o seu pessoal em 3 anos; pior ainda quando um país se encontra na situação em que se encontra o nosso, quer dizer que saímos da dominação colonial com uma economia completamente destruída e com uma agricultura numa situação bastante grave por causa da seca persistente que tem prevalecido no nosso país.

Portanto não podíamos fazer mais do que fizemos. Construir um país, construir um Estado, resolver os problemas postos pela seca, lançar a base do desenvolvimento do país e ainda poder resolver todos os problemas da nossa emigração.

Poderão ver que a tarefa ou esse trabalho é duro complexo e extremamente grande, que necessitamos de gente e de tempo mas sobretudo de meios, meios materiais. Porque se nós repararmos que o nosso país, além de ter sofrido todas essas influências também não dispõe de grandes recursos materiais. Quer dizer nós não temos petróleo, não temos minério e não temos grandes riquezas materiais. Portanto isso pode dar-nos uma ideia das limitações que tem o governo e Estado de Cabo Verde. Mas cremos estar certos de que estamos no caminho para a solução de uma boa parte dos problemas postos pelos delegados e também estamos certos que pouco a pouco, progressivamente, vamos dando solução a uma série de problemas. Então dissemos que o encontro é importante porque permite esse contacto, esse balanço, esse inventário e permite-nos também traçar o caminho, desbravar o caminho. Quer dizer, prever mais ou menos o caminho que vamos seguir para solução desses problemas.

ESTABELECEMOS RELAÇÕES DE CONFIANÇA

Mas também esse encontro, o 1.º encontro, consideramo-lo também uma necessidade porque permite-nos como já dissemos a solução, a inventariação de uma série de problemas; permite-nos o que é mais importante encontrar uns com os outros, conhecermo-nos uns aos outros e estabelecer entre nós relações de confiança. Mas também é o método, trata-se de um método. O nosso governo e o nosso Partido, apesar de todas as conversas que se dizem, procura resolver os problemas, contactando as pessoas, discutindo com elas, dialogando. O diálogo embora pareça que não, tem sido o método mais utilizado pelo nosso Partido. O diálogo e a tolerância são características fundamentais do nosso Partido embora em certos círculos se diga que nós somos intransigentes, que não ouvimos o que os outros dizem, que nós somos dogmáticos, que nós somos ditadores e alguns até que somos fascistas. Bom, mas o diálogo para quem conhece a história do PAIGC e a história da nossa luta, sabe que o diálogo tem sido o método fundamental do nosso Partido. A tolerância, a persuasão, a discussão, tem sido o método fundamental do nosso Partido. Vejamos, dialogámos com os portugueses. Se repararmos, fiel ao nosso princípio, foi o PAIGC o primeiro movimento nacionalista a dizer sim aos portugueses «vamos discutir», «dialoguemos». Foram nós os primeiros a discutir com os portugueses depois do 25 de Abril.

Cabo Verde, o seu governo e o seu Partido, nesse aspecto apesar das dificuldades, apesar das limitações não tem receio de comparações, porque qualquer um que saísse da dominação colonial, nas mesmas condições, porque qualquer um que saísse da dominação colonial, nas mesmas condições em que saiu Cabo Verde, estamos convencidos que não podia, era impossível fazer melhor do que fez o Partido e o Governo que dirige a nossa terra.

Está claro que, nós não

estamos aqui nem para fazer a nossa propaganda pessoal nem para fazer a propaganda do nosso governo mas as verdades dizem-se. Porque se não, caímos na situação em que a mentira é tantas vezes repetida que podemos ter a convicção de ela se transformar em verdade. Portanto a verdade, ela também não deve ter nem vergonha nem acanhamento de se repetir tantas vezes para se reafirmar e para poder avançar.

ENVENTARIAR OS PROBLEMAS

Mas dissemos que este encontro é importante porque permite também uma discussão franca, aberta dos problemas que têm hoje os nossos emigrantes ou os caboverdianos que vivem fora de Cabo Verde; permite uma inventariação desses problemas e permite-nos mais, também abrir o caminho, as vias para a solução progressiva, quer dizer pouco a pouco desses problemas. O governo de Cabo Verde, se repararem bem tem as suas representações diplomáticas nos países onde há uma maior concentração da emigração caboverdiana, no sentido de facto estabelecer um diálogo com os nossos compatriotas que vivem fora mas também no sentido de pouco a pouco dar uma cobertura legal e diplomática a esses compatriotas e de defender os seus interesses nesses países.

Dissemos que esse encontro é importante porque segundo a nossa maneira de ver permite-nos conhecer ou ver mais concretamente a nossa realidade; conhecer as condições em que trabalhamos mas também conhecer de dentro, o esforço feito nestes três anos de independência. Também é importante porque permite que gente, caboverdianos vindos de vários continentes possa encontrar-se em Cabo Verde para se conhecerem, conhecerem os problemas de cada uma das Comunidades, conhecerem as dificuldades, conhecer os êxitos, conhecer as experiências, conhecer as realidades várias que vivem ou que vocês vivem.

É importante esse encontro nesse aspecto mas também creio eu que é importante porque permitiu que representantes das comunidades caboverdianas no exterior pudessem ouvir da boca dos responsáveis ou de responsáveis do Governo de Cabo Verde a vários níveis o trabalho, o esforço feito mas também o programa de acção, os objectivos, as perspectivas de desenvol-

vimento do nosso país.

Porque, conhecer essa realidade em Cabo Verde ou ouvir esta conversa em Cabo Verde é concerteza muito diferente, mais fiável, mais verídico do que ouvi-la fora, tantas vezes deformada.

OBSERVAR A REALIDADE

Portanto parece-me que este encontro, este contacto com os responsáveis de Cabo Verde a vários níveis é também importante.

Mas, mais importante penso eu é a realidade que tiveram a possibilidade de observar, a realidade, queremos dizer as pequenas coisas que pudemos realizar e o dia a dia do povo de Cabo Verde. Porque, temos de dizer isso, porque vocês sabem que é uma verdade, há muita gente interessada em deturpar, em dar informações deturpadas, incorretas, falaciosas sobre a realidade que se vive em Cabo Verde.

Concerteza, alguns de vocês antes de partirem para aqui, alguém vos teria dito que concerteza não voltariam porque Cabo Verde é uma prisão cercada pelo mar. Mas concerteza também vos teriam dito que em Cabo Verde há gente que morre de fome, porque se diz isso em algumas partes e em alguns salões por esse mundo fora. Vos teriam dito concerteza outras e tantas outras lérias. Vindo aqui poderão ver que se vive em Cabo Verde, na nossa terra, um clima de paz, de concórdia, de trabalho e de responsabilidade.

Portanto nós não negamos o diálogo nem procuramos humilhar quem quer que seja, e não somos pelas vitórias, das grandes vitórias, pelo esmagamento do inimigo, não somos. Somos antes pelo contrário pela discussão com ele, em persuadi-lo que o nosso caminho é que é o correcto. Mas se, se lembrarem, o primeiro manifesto do nosso Partido foi uma oferta de diálogo ao governo português. Carta dirigida ao governo português convidando o governo de Portugal da altura a discutir com os legítimos representantes do nosso povo o processo para a nossa descolonização, para a nossa independência. Mas se se reparar, durante toda a nossa acção política em Cabo Verde a nossa disponibilidade para o diálogo, foi grande e a nossa independência aqui em Cabo Verde foi conquistada através do diálogo com os colonizadores, através da discussão com as autoridades portuguesas.

(Cont. no próximo número)



AMILCAR CABRAL

A prática revolucionária

2 — SITUAÇÃO MILITAR

Com coragem e iniciativa os nossos combatentes afundaram vinte e sete barcos e danificaram vários outros, causando assim grande baixa em material e vidas ao inimigo. Esta acção foi particularmente notável no rio Farim ao (norte do país) onde os nossos combatentes afundaram a maior parte do inimigo nomeadamente canhoneiros e vedetas.

Dando prova de uma maior experiência, obrigámos o inimigo a cair em emboscadas vigorosas e mais mortíferas ainda, particularmente junto dos quartéis fortificados. Estas emboscadas ocorreram principalmente nas estradas das regiões em litígio (Centro-Oeste e Leste do país) e nos arredores de alguns centros urbanos (Mansoa, Mansabá, Quebo, Guilege, Catió, Empada, Bedanda). Por outro lado, os nossos combatentes obstaram a qualquer tentativa do inimigo fora das estradas, enfrentando-o em combates inesperados que se traduziram pela sua derrota... seguida de fuga. Efectuámos quatrocentos e setenta e seis emboscadas e ataques inesperados no período de referência, sem contar com acções menos importantes. No decorrer destas acções destruímos cento e dezasseis veículos militares e civis inutilizámos um grande número de outros, recuperámos uma quantidade importante de material, do qual pelo menos oitenta e seis espingardas-metralhadoras G3 Fall, trezentos e noventa e sete Mausers vinte e seis morteiros de 60 mm, várias outras armas ligeiras, dezasseis rádios-emissores — receptores de campanha em bom estado, e outros materiais.

No âmbito deste tipo de operações, é justo distinguir a acção vigorosa executada pelas nossas forças na região de Gabú, nos arredores da cidade com o mesmo nome. No decorrer da emboscada os nossos combatentes destruíram cinco camiões, puseram fora de combate trinta e dois militares inimigos, fizeram um prisioneiro e recuperaram dezoito espingarda-metralhadoras americana e oito Mausers. No decorrer de um combate na tabanca de Bissassemá, ao Sul do país, os nossos combatentes mataram dezoito soldados inimigos, fizeram prisioneiros três militares entre os quais um oficial e recuperaram uma quantidade importante de material do qual oito rádios de campanha em bom estado.

Ao Norte do país, tanto na região de Canchungo como na estrada Mansoa-Mansabá, as emboscadas dos nossos combatentes traduziram-se em grandes baixas de vida e material para o inimigo.

Com as operações dos comandos contra os centros urbanos, aeroportos e instalações portuárias, a nossa pressão sobre o inimigo, entrou numa nova fase. Estas acções revelam-se particularmente eficazes (e muito importantes) para acentuar a desmoralização das tropas coloniais e o descrédito do inimigo junto das populações destes centros urbanos.

Auto-estrada e aeroporto — dois cartões de visita da nossa terra

● Entrevista com o camarada Tino Lima Gomes

«Um cartão de visita» que o nosso país poderá apresentar aos estrangeiros — foi como o Comissário de Estado das Obras Públicas, Camarada Tino Lima Gomes justificou a prioridade dada às duas obras de prestígio que transfigurarão a entrada de Bissau aos olhos de quem nos visite: a construção de uma auto-estrada (ou mais propriamente, de uma avenida — a da Unidade Guiné Cabo Verde — com quatro largas faixas de rodagem, divididas ao meio por uma placa ajardinada e iluminada em toda a sua extensão) entre Bissau e o aeroporto, e a transformação deste num aeroporto de primeira categoria, segundo os critérios da organização internacional dos pilotos.

Os custos dessas duas obras grandiosas e, paralelamente, o que se tem feito e se está a fazer para melhorar a rede de estradas do país, que constitui o sistema circulatório por onde corre o sangue deste jovem corpo que é a nossa pátria em construção, foram outros tantos temas que abordámos numa entrevista com o Camarada Tino, e de quem transcrevemos algumas das passagens mais significativas.

Para o início das obras aguarda-se apenas que se resolva o problema dos proprietários das casas atingidas pela futura auto-estrada, e que terão, que ser demolidas logo que estejam asseguradas novas habitações para os desalojados.

Recordamos que a obra de construção da nova auto-estrada vai ser financiada por um donativo do governo holandês, num montante de cerca de 90 mil contos, embora o seu custo total deve ultrapassar ligeiramente essa verba. Esta obra, que foi entregue a uma firma portuguesa, a «TECNIL», tem prevista a sua conclusão em Julho de 1980.

Por seu lado, a obra de ampliação do aeroporto de Bissau conta com um financiamento do governo do Koweit, no valor de 7 milhões de dólares de empréstimo a longo prazo. O custo total da obra é de cerca de 13 milhões de dólares (520 milhões de pesos). Este montante será utilizado para o prolongamento da pista, de 2400 para 3200 metros, para a electrificação, aquisição de equipamentos de sinalização terrestre e aérea e formação de quadros terrestres, e ainda para a construção de uma nova aerogare. Os trabalhos terão início no próximo ano, e terminarão den-

tro de vinte meses, segundo as previsões do responsável máximo do Comissariado das Obras Públicas, Camarada Tino Lima Gomes, que nos fez o balanço da situação destas duas importantes obras e também de várias outras actividades do departamento de que é responsável.

UM AEROPORTO DE 1.ª CATEGORIA

No nosso diálogo, o Camarada Tino Lima Gomes afirmou-nos a dado momento que as demoras na execução da auto-estrada se devem, em parte, ao número um pouco elevado de casas que terão que ser demolidas. No Bairro Mindará, será necessário demolir 25 casas e 3 armazéns da Socomi e no Bairro Belém ao longo da Avenida Caetano Semedo, mais 5. Deste total, é possível que algumas casas sejam «poupadas» mas, pelo menos 38 serão obrigatoriamente demolidas.

«Só numa casa daquelas, que deveria albergar no máximo 10 pessoas, moram mais de 20. Portanto, eram muitas famílias que ficariam sem alojamento e temos por isso que proporcionar-lhes novas habitações».

É por esta razão que temos que esperar até termos novas casas prontas. Estas serão construídas nos bairros de Antula e Sandino. Um outro projecto, que é o de financiar a auto-construção de casas de adobe reforçadas com cimento, no bairro de Contum, está também a ser proposto, em alternativa, aos proprietários das casas a demolir.

Prosseguindo, afirmou que estas duas obras (o alargamento da auto-estrada e sua electrificação e a ampliação do aeroporto)



Na foto o Comissário Lima Gomes falando à nossa reportagem

são de extrema importância para qualquer país independente. Para o Comissário das Obras Públicas, estas duas obras servirão como «cartão de visita» do nosso país.

Respondendo a uma outra questão que lhe pusemos sobre a urbanização da zona periférica de Bissau, que é uma das principais tarefas do Comissariado das Obras Públicas, o Camarada Tino Lima explicou-nos de que esse trabalho ainda não está em execução devido à falta de levantamento topográfico.

Continuando, afirmou que a política de descentralização preconizada pelo nosso Estado tem por principal objectivo o de evitar um afluxo desordenado de população à capital. Para isso, está-se, a pouco e pouco, a criar não só centros de atracção no interior do país, mas também a desenvolver as cidades do interior. O Camarada Comissá-

rio sub'inhou que o governo deseja limitar a população de Bissau a 10 por cento da população do país. Neste momento, a percentagem é um pouco maior, mas o controle do crescimento demográfico da capital está na sua fase inicial.

No que respeita à ampliação do aeroporto de Bissau, cuja obra está igualmente sob a tutela do Comissariado das Obras Públicas, Tino Lima disse-nos estar prevista para este mês a realização dum concurso a nível internacional para escolher a firma que se encarregará da construção de uma nova aerogare. As suas obras serão executadas por fases, dentro das possibilidades do nosso Governo. Esse investimento não está no quadro de empréstimo assinado entre o nosso Governo e o Governo koweitiano.

Depois de concluídos os trabalhos, o aeroporto internacional de Bissau

estará apto a receber aviões de todos os tipos, passando a ser considerado de primeira categoria, segundo os critérios da «ICAO» — organismo internacional de pilotos.

MELHORAMENTO DA REDE DE ESTRADAS

Sobre os trabalhos de melhoramento da rede de estradas existentes, o camarada Tino Lima disse-nos terem sido feitos gigantescos esforços para a reparação das estradas do interior do país, de modo a permitir a sua utilização sem perigo.

«Temos três brigadas que se encontram actualmente em algumas regiões do interior do país, a prestarem assistência às estradas em terra».

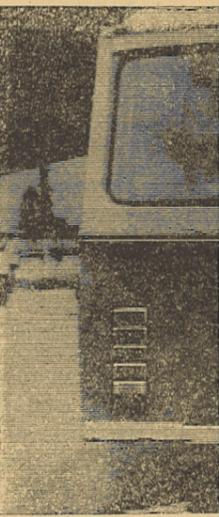
Para reparação das estradas esfaltadas que se apresentam em mau estado, o Comissariado das Obras Públicas conta com um empréstimo do Banco Mundial. Por outro lado, o Banco Africano de Desenvolvimento (B. A. D.) financiará a obra de alcatroamento de estrada que liga Djurgudul-Bambadinca, e ainda, a construção da ponte sobre o rio Cacheu, que ligará Bissau a Bafatá. Esta última obra é de grande importância, pois encurtará o percurso, entre aquelas duas cidades em cerca de 40 quilómetros. Os trabalhos da construção da ponte, terão início no próximo ano.

No que respeita ao alcatroamento das estradas do interior, o Comissariado das Obras Públicas, Construções e Urbanismo conta ainda com um investimento da Comunidade Económica Europeia. Esta organização financiará, segundo o camarada Tino Lima, a obra de alcatroamento das estradas Bambadinca-Xitole e Xitole-Quebo.

O arranque destas obras está, igualmente previsto para o próximo ano.

No âmbito regional africano o Comissariado das Obras Públicas tenciona participar na construção da estrada Bissau-Bandjular. Esta estrada será uma das Transafricanas e terá como financiador o Fundo Económico de Desenvolvimento. A nossa parte do projecto consta da construção da estrada de S. Vicente até à nossa fronteira, cujos trabalhos terão início ainda este ano.

Existe ainda um projecto de construção da estrada Bissau-Conacry. A sua concretização depende das decisões dos dois Governos.



A empresa Silô I... Problemas de gestão individuais (táxis). Peroso, esta empresa n... dades, porque, neste... mais carros. Mas daq... tocarros e táxis.

O camarada Abel... um exemplo claro a... nossa empresa entrar... particulares e sentia-s... é que o público pode... suas necessidades com... se tanto. É impossível... As condições de... presa, porque há certo... sível chegar, e que ser... tempo tiveram que ca... domingo.

Neste momento n... gestão, mas a empres... tágios em países ami... crescendo, mais neces...

O camarada Júlio M... ro, assistente do movi... respondeu nos:

Temos dificuldades... cumprir os horários, p... a nossa empresa, neste... mento, tem um nu... muito reduzido de au... ros e há dias em que a... fica desfalcada, porq... autocarros do int... quando avariaram, vêm... Bissau, e temos que... de Bissau, para que a... reiras do interior não... lizem. Logo, Bissau... com menos uns auto... o que nos dificulta no... primimento dos horários

Para além destas av... que duram dias, tem... pequenas reparações q... realizam os autocarro... rante algumas horas, o... dia inteiro.

Na época das chuva... temos enormes dificul... porque a garagem é p... na e os mecânicos têm... ficar parados enquant... ve. Isso causa nos pre... enormes. E ainda mai... culdades em cumprir... rários.

N.P. — Os autocarro... dam superlotados?

Andam, mas é-nos... controlar a entrada d... sagemos porque nin... quer esperar pelo auto... seguinte.

N.P. — Não haver... meio de resolver o p... ma?

J. M. — Há sim, ter... que pôr polícias, na... de ponta, em todas a... ragens, porque as p...



Um troço da Avenida Unidade Guiné-Cabo Verde que em breve será a primeira auto-estrada do país

22.º Aniversário

OS COMITÉS DO PARTIDO DEVEM ESTAR À FRENTE, AO LADO E ATRÁS DO POVO

Os pioneiros entraram no salão da nova sede do secretariado do Partido, cantando alegremente e acenando com bandeirinhas aos altos dirigentes do PAIGC ali presentes, enquanto a assistência, que encheu por completo a sala e os corredores laterais até à porta da entrada, aplaudia e gritava vivas ao nosso Partido, ao Secretário-Geral e Secretário-Geral adjunto e à Unidade Guiné-Cabo Verde.

Assim foi iniciada, às 19 horas de hoje, terça-feira, na antiga Associação Comercial, a sessão solene que marcou o XXII aniversário da fundação do PAIGC. Presidida pelo camarada Luiz Cabral, Secretário-Geral adjunto do Partido e Presidente do Conselho de Estado da Guiné-Bissau, a cerimónia foi assinada, do princípio ao fim, de vários momentos de viva emoção, desde as ovações da assistência em pé, às chamadas e entregas de prémios aos comités seminaristas, nomeadamente aquando das representações de Ana Maria Cabral e de um combatente da liberdade da pátria, do comité do Partido do Comissariado do mesmo nome, passando pelas intervenções dos camaradas Presidente do Conselho de Estado e Mário de Andrade, até ao cântico em coro, iniciado pelo camarada Araújo, de uma canção revolucionária do povo combatente; «Quim qui tem terra/ Anós qui tem terra...»

Nela intervieram um pioneiro — para abrir a sessão — seguida dos camaradas José Araújo, Mário de Andrade. Seguidamente o camarada Carlos Correia, leu uma comunicação que oficializava a entrega do imóvel da antiga Associação Comercial ao Secretariado do Partido. Por fim, o camarada Luiz Cabral, fez uma intervenção da qual transcrevemos algumas passagens.

Esta sessão soene de comemoração do XXII aniversário do nosso grande Partido — PAIGC — revelou-nos toda a sua dinâmica, toda a sua vida que a cada etapa renasce com mais força do que tinha antes.

Durante este ano, grandes actividades políticas marcaram a vida do PAIGC e hoje vemos os resultados dos seminários organizados para a divulgação dos resultados

do III Congresso e também para a preparação do lançamento das novas estruturas do nosso Partido.

Quero felicitar o Secretariado Executivo do PAIGC pela dinâmica que tem dado ao avanço do trabalho do Partido que, como sabemos constitui a base indispensável para todas as realizações que queremos fazer na Guiné e em Cabo Verde.

Quero igualmente felicitar e encorajar os camaradas que foram agora eleitos para todos os comités do sector autónomo de Bissau.

Para vermos quanto o nosso Partido avançou em pouco tempo, hoje, temos comités eleitos livremente em todos os locais de trabalho e de residência. Eleitos livremente a sério, porque sabemos que na nossa terra as eleições são feitas sem qualquer influência e simpatia, mas na base da vontade do nosso povo, dos nossos militantes. Os camaradas que foram eleitos, conquistaram os seus lugares com o trabalho e com a confiança que conseguiram junto dos militantes do nosso Partido.

Felicitos-os e encorajo-os no seu trabalho porque sabemos que para que o nosso Partido se reforce cada vez mais é preciso que cada comité trabalhe bem. No lugar onde foi eleito, que esteja sempre à frente do nosso povo, no meio do nosso povo e atrás do nosso povo. Só assim podemos fazer o nosso Partido cada vez mais forte.

Quando pensamos no aumento da produção da mancarra e do arroz na nossa terra, sabemos que isso depende do trabalho que cada lavrador faz na sua bolanha.

No quadro do nosso Partido, para que a sua produção seja grande, para que o PAIGC seja cada vez mais forte, depende da acção de cada comité no lugar onde foi eleito pelos nossos militantes. Portanto encorajo os camaradas para que continuem a tomar cada vez mais a sério as suas responsabilidades para que possam responder àquela confiança que os nossos militantes neles depositaram e para que através do seu trabalho e dedicação aspirem a lugares mais elevados na es-

cala da direcção do nosso Partido.

No início, quando o nosso Partido foi criado, muitos de nós começámos como dirigentes do PAIGC. Mas hoje nas nossas terras livres da Guiné e Cabo Verde, à medida que o nosso Partido avança, à medida que se torna cada vez mais forte, os lugares da direcção nos níveis mais elevados têm que ser conquistados através de militância nos locais de trabalho e de residência. A partir da conquista de lugares no comité de direcção nos níveis mais baixos passar depois a lugares de



Um aspecto da sessão solene do aniversário do Partido

direcção a níveis mais elevados do Partido.

Mas quero também dizer aos camaradas eleitos que a militância fundamental para todos os responsáveis do nosso Partido, é a militância como trabalhadores, como homem de produção. Um militante do Partido não pode servir da sua qualidade de responsável de um comité, como pretexto para não trabalhar mais do que todos os outros trabalhadores que se encontram nesse local.

Militantes e responsáveis dos comités do Partido devem estar na vanguarda na acção política do PAIGC, e por isso mesmo devem estar também na vanguarda no local de trabalho onde se encontram. Têm que ser um exemplar em cada lugar de trabalho onde estejam, um exemplo para todos os outros trabalhadores para que possam ter a força moral de reconduzir aqueles que estão fora do caminho, aqueles que recebem o seu

vencimento no fim do mês procurando trabalhar o mínimo que podem.

Devem ser um exemplo para eles, levando-lhes ao bom caminho, porque o nosso Partido vai ser forte, o nosso Partido vai ser grande, mas, isso sim, à medida que podermos fazer progressos das nossas terras, à medida que podermos construir o bem-estar do nosso povo. Tudo isso depende essencialmente da nossa capacidade de trabalhar e produzir mais riquezas no nosso país, tornando-o mais forte a fim de permitir uma vida melhor ao nosso povo.

Tomemos igualmente em consideração os nossos pioneiros que hoje prestaram o seu juramento, passando de «pioneiros de Setembro a pioneiros Abel Djassi». Este facto constitui uma responsabilidade para essas crianças, entre as quais sairão os jovens da JAAC de amanhã, num amanhã mais longo em que serão constituídos militantes do nosso Partido. É também uma cerimónia que marca o aniversário do nosso Partido.

Conforme foi salientado no Simposio, após a morte do nosso saudoso camarada Amílcar Cabral, o nosso Partido é grande porque Cabral para além do seu desaparecimento físico, conseguiu transformá-lo num corpo vivo, que, tem que viver para além de todos nós aqui presentes. Portanto, temos que garantir a sua vida em todas as futuras gerações, através dos nossos pioneiros de Setembro e dos pioneiros Abel Djassi que merecem o nosso carinho e que têm que

ser orientados por nós, no amor ao nosso Partido, no amor pelas nossas pátrias africanas da Guiné e Cabo Verde, no amor e no respeito pelo nosso povo, no amor ao trabalho e a luta e num respeito sem fim pelos nossos heróis e mártires da nossa luta de libertação nacional.

Hoje completam precisamente 22 anos que um pequeno grupo sob a direcção do camarada Amílcar Cabral, tomou a iniciativa de criar o nosso Partido. Mas quero recordar aos camaradas que, antes da última reunião da fundação

do Partido, Amílcar Cabral decidiu que fosse convocada uma reunião preliminar mais alargada que se efectuou na residência de um dos camaradas então do Banco Nacional Ultramarino. Nela, o camarada Cabral dicertou sobre problemas da África em geral, nomeadamente as aspirações da liberdade e independência dos povos africanos, aos direitos do homem africano ser livre e ter a sua Pátria.

Procurou, nesta medida, mobilizar todos os camaradas ali presentes para o grande problema da libertação da Guiné e Cabo Verde e, só mais tarde se convocou, entre eles, aqueles que tinham demonstrado maiores provas de militância durante os anos anteriores e com eles se procedeu a fundação do Partido.

Acho que isto tem que constituir também para nós um exemplo neste dia em que passamos a ter novos

comités de Partido no Sector Autónomo de Bissau. Mas que orientemos o nosso Partido cada vez mais num verdadeiro Partido em que todos os seus militantes estejam à altura das suas responsabilidades.

E os comités de Partido e seus militantes devem ser capazes de chamar às nossas fileiras todos os outros indivíduos honestos e trabalhadores da nossa terra sensibilizando-os para o nosso problema da reconstrução nacional e sensibilizá-los para toda esta grandeza de obra conduzida pelo nosso Partido no caminho da construção da libertação do país de todas as misérias legadas pelo colonialismo numa terra próspera para todos os filhos dos dois países.

Penso que a iniciativa de tomada da Associação para Sede do Partido constitui um motivo de alegria e de orgulho para todos os militantes do nosso Partido e todos os filhos válidos da nossa terra. Sabemos que este prédio, um dos mais belos desta cidade foi construído pelo colonialismo com o dinheiro explorado ao nosso povo através do pagamento de taxas de impostos sobre os preços de mercadorias nas alfândegas.

Mas era um prédio que não tinha nada que exprimisse os verdadeiros interesses do nosso povo. O povo sempre passava ao lado dele sem por lá nunca entrar, enquanto a elite do colonialismo servia-se dele para gozar os seus privilégios. No entanto, achamos que não é justo que o mesmo prédio continue, após a nossa terra independente, a ser propriedade exclusiva de comerciantes, apesar das considerações de respeito que eles possam dispor no país.

Portanto, achamos que este imóvel, pelo seu tamanho pela sua origem e passado a que pertence, deve passar a bem do nosso Partido. Quero dizer aos camaradas que a restituição deste prédio não tem nada a ver com a política do nosso Governo em relação aos comerciantes. Aceitamos até

(Continua na 4.ª Página)

A comemoração da data histórica de 19 de Setembro de 1956 oferece-nos, hoje a oportunidade de participarmos nesta ardente manifestação do espírito partidário dos militantes do Sector Autónomo de Bissau.

Ao longo de 22 anos de caminhada pela estrada larga da esperança revolucionária, a luta do povo da Guiné e Cabo Verde percorreu etapas fundamentais que tornaram possível a emergência de Estados livres, empenhados na construção do progresso e na realização da justiça social, contribuindo eficazmente para o equilíbrio da paz, ao serviço da Humanidade.

Etapas fundamentais que se caracterizam conjuntamente pela progressiva afirmação nacional, a reconquista do exercício do direito de fazer a sua própria História. E é justamente o Partido — o P.A.I.G.C. — que, sintetizando as aspirações do povo da Guiné e Cabo Verde, através da luta armada de libertação, gera as Nações e forja os Estados.

Mas falar do Partido implica necessariamente situar a acção dos homens que, no momento justo e favorável, conceberam a necessidade da sua fundação e visionaram as perspectivas do futuro. Entre os homens do 19 de Setembro, avulta naturalmente a figura de AMÍLCAR CABRAL cuja personalidade, irradiante de profundo humanismo, imprimiu aos acontecimentos históricos a marca das suas qualidades excepcionais de líder político, estratega militar, diplomata, em suma, de revolucionário do nosso tempo.

A evocação desta data permite-nos, assim, esboçar mais uma vez uma retrospectiva histórica, aprofundar a nossa apreciação das circunstâncias em que se desenrolaram os factos ligados directa ou indirectamente ao evento, em particular com a preciosa contribuição dos testemunhos produzidos pelos fundadores do Partido, como primeiros actores sociais.

O surgimento de formações políticas africanas com o objectivo de lutar pela conquista da independência nacional aparece-nos meados da década de 50 como um fenómeno normal inscrito no processo histórico da época. Todavia, a criação de uma organização com as características do PAIGC revelou desde logo a inteligência aguda de uma situação concreta e a originalidade da opção definida pelos seus promotores. O PAIGC assume, com efeito, desde a sua fundação, a dualidade Partido-Movimento e afirma-se na sua essência como um Partido binacional.

1. O contexto histórico

em que se insere a criação do PAIGC situa-se no prolongamento do pós-guerra, caracterizado por uma nova relação de forças a nível internacional, com a derrota do nazismo e a emergência do campo socialista. Viviam-se então uma época dominada pelos feitos de armas que se desenrolavam na Ásia e que iriam influir de modo decisivo na aceleração do processo de emancipação africana. Tais acontecimentos adquiriram alcance universal: a vitória do exército de libertação nacional que, em 1 de Outubro de 1949, desembocou na proclamação da República Popular da China e a luta armada revolucionária conduzida pelo Vietminh que deu origem à República Democrática do Vietnam.

O grau de consciência anti-imperialista no nosso continente manifestava-se também no célebre apelo aos povos oprimidos, redigido por Kwame N'Krumah no termo do 5.º Congresso Pan-Africano realizado em Manchester em Outubro de 1945. Formulava-se, pela primeira vez, a exigência preliminar da independência política, imediata e incondicional. Aqui e ali, as forças nacionalistas utilizam as brechas liberais das metrópoles imperialistas para criar organizações de vocação unitária. É o caso do Rassemblement Démocratique Africain (R.D.A.) fundado a 19 de Outubro de 1946 em Bamako dos Partidos do Istiqlal e do Néo-Destour no Marrocos e na Tunísia.

Mas nada é simples e linear na luta dos povos. E as forças coloniais continuavam a exercer repressões sangrentas, como os massacres ocorridos em Madagascar em 1947. Do Canal de Suez às margens do Oceano Índico as forças populares africanas entram definitivamente em combate contra os exploradores estrangeiros. A década de 50 vai registar sucessivamente a guerra dos Mau Mau (Outubro de 1952) a criação da República do Egipto (1952-53) e o desencadeamento da insurreição na Argélia, a 1 de Novembro de 1954.

E eis que, a 18 de Abril de 1955, a Conferência de Bandung consagra a irrupção conjunta da Ásia e da África na grande cena da História. Trata-se dos primeiros «Estados Gerais» dos povos oprimidos, 29 países, totalizando milhões de homens «que até aí tinham sido meros objectos e que agora pretendiam simplesmente tornar-se sujeitos».

A roda da História acelera o seu ritmo por toda a parte. Os acontecimentos políticos que se sucedem a uma velocidade vertiginosa no coração do continente concretizam as aspirações dos povos em tomar o destino nas suas mãos. Os che-

fes políticos exprimem a determinação da reconquista da personalidade africana em todos os planos — movimento que CABRAL designará mais tarde pelo Conceito de «regresso à História». As potências imperialistas tentam apoderar-se destas iniciativas dos povos e controlar as suas organizações, dispondo-se a outorgar a independência formal.

Mas a África une-se nos seus polos de resistência: no Egipto que nacionaliza o Canal de Suez e desafia a aliança imperialista franco-britânica; no Ghana que, primeira nação independente da África negra reanima o Panafricanismo; na Guiné que nega com orgulho a negação da independência real; na Argélia que reforça a sua luta armada de libertação nacional.

Em 1959, num país afro-americano das Caraíbas, em Cuba, os homens triunfam também numa guerrilha que se transformará em revolução.

Enfim, as sucessivas assembleias das organizações

Enraizado nas massas o PAIGC clarificou ideologia e formulou princípios para a libertação de

— frisou Mário de Andrade

... tarefa de conjugar com urgência aqueles factores externos favoráveis da situação internacional e africana com os factores internos.

A Geração de Cabral teve a percepção de lançar as bases de um movimento unitário em plena década de 50, colocando os homens disponíveis para as batalhas políticas, em qualquer ter-

reno de acção nas nossas terras. Iniciativa que se revelaria fecunda de ensinamentos, geradora de transformações qualitativas no decurso da nossa História comum.

Por ocasião do seminário de quadros reunido em Novembro de 1969, CABRAL resumia o significado dessa época nos seguintes termos: «Foi depois da última

Guerra Mundial que começou a desenvolver-se na consciência das pessoas a necessidade de lutar para acabar com a dominação colonial. Nessa altura, um grupo de estudantes de línguas portuguesas em Lisboa começou a pensar numa maneira de se tornarem novos africanos...

... Depois começaram a voltar para as nossas terras uns e outros, encontrando outras gentes que pensavam como nós, começaram a buscar maneira de agir no espírito de cada um, com o desejo de liberdade, o que não é muito difícil».

Instruídos, de facto, pelo conhecimento da natureza do colonialismo português, os primeiros núcleos nacionalistas consideravam agora como tarefa primordial de acção a luta contra o inimigo comum. Esse espírito unitário presidiu à fundação dos movimentos de Libertação dos nossos países, permanecendo vivo até à vitória final, inspirando ainda hoje as acções dos movimentos de direcções políticas.

Referimo-nos a esta acção, originalmente opção do PAIGC. Contudo, o grupo de promotores (guineenses e caboverdeenses) que, desde o início do Engajamento de CABRAL e sob a sua orientação, tinha discernido os interesses favoráveis à criação de organizações cas, concluiu 3 anos tarde após algumas tentativas de carácter clandestino, que só um movimento partidário poderia formar-se no instrumento eficaz de luta para a libertação da Guiné e Cabo Verde.

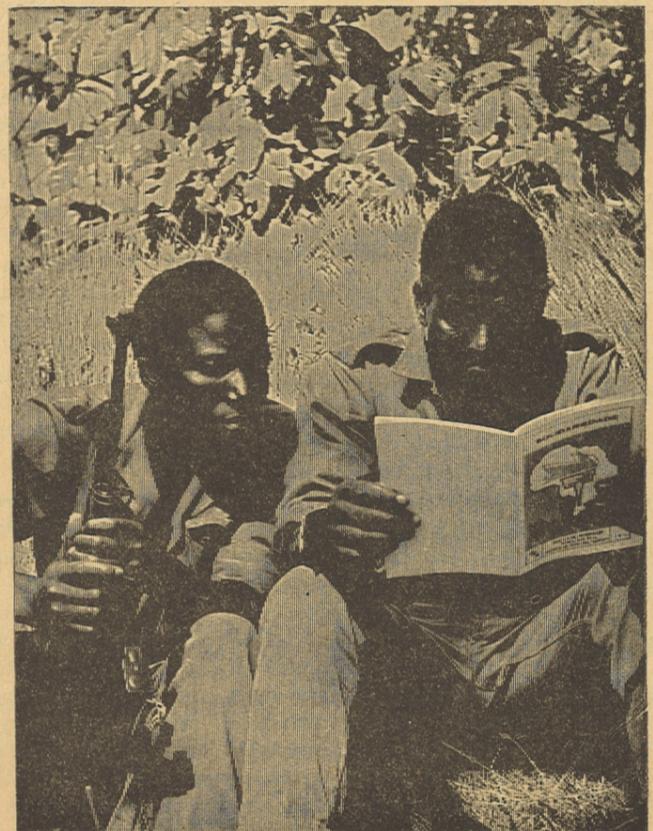
O primeiro traço de originalidade está contido na clara definição dos objectivos que os povos a atingir e em na primitiva designação do Partido que associa a sua finalidade prática a estas noções: independência, unidade. Assim nasceu o Partido Africano para a Independência dos Povos da Guiné e Cabo Verde (PAI). Aconte-



Na base da aplicação consistente das directivas do PAIGC, tanto no plano político como militar, conjugando harmoniosamente a mobilização e o apoio das populações com os sucessos militares das forças armadas, foram-se criando no território da Guiné as regiões libertadas.

progressistas e dos Estados independentes realizadas no Cairo e em Accra constituem para os Movimentos nacionalistas nascentes em Angola, na Guiné e Cabo Verde, no Congo, os pontos de referência do Panafricanismo e Afro-asiatismo.

Ora, em nenhuma outra região as metrópoles coloniais possuíam um sistema político de natureza fascista como o de Portugal. Por isso, aos olhos dos patriotas das então colónias portuguesas impunha-se a



populares eias válidos odos os povos

notável registado em todos os manuais da História política contemporânea e que há 22 anos todavia ficou apenas gravado na memória dos fundadores do P.A.I.G.C.. Talvez valha a pena assinalar que no dia 19 de Setembro de 1956 (não só por mero acaso do calendário mas também como sinal dos tempos então vividos) inaugurava-se em Paris o Primeiro Congresso dos Escritores e Artistas Negros — O Bandung Cultural — cujas profundas preocupações constituíram também uma valiosa contribuição para o triunfo das causas políticas.

Muito se tem interrogado (e por vezes especulado) sobre as bases ideológicas em que se fundamentaram os núcleos dirigentes das organizações políticas das nossas terras. Existem dois documentos — infelizmente desconhecidos para as novas gerações — que esclarecem essa questão: trata-se por um lado das Actas da «Reunião de Consulta e Estudo para o Desenvolvimento da Luta contra o colonialismo português» realizada em Paris em Novembro de 1957 e por outro do Manifesto do M.A.C. (Movimento Anti Colonialista) datado de 1 de Janeiro de 1960. Pondo esses textos em paralelo, constatamos que eles nos revelam as fontes de inspiração ideológica, estando patente no primeiro que a análise das classes na Guiné e Cabo Verde, em São Tomé, Angola e Moçambique obedeciam a um esquema rígido aprendido nos livros e ficando claramente demonstrado no segundo que através da assimilação crítica da teoria e da prática revolucionária já se tinha atingido a independência de uma análise correcta da situação concreta nas nossas terras.

2. O Camarada Secretário-Geral ARISTIDES PEREIRA ao proceder ao balanço de 20 de anos de luta do PAIGC sublinhou que «a Guiné dita «portuguesa» não dispunha de nenhuma das classes que foram os motores de processos revolucionários noutras regiões do Mundo: o proletariado ou

mesmo uma classe camponesa privada de terra. Cabia-nos, portanto, definir uma estratégia de luta, de acordo com a nossa situação específica, em harmonia com o estágio de desenvolvimento das forças produtivas, e tendo em consideração as duas comunidades, historicamente irmanadas por laços seculares de sangue e de cultura.

É esse esforço de análise objectiva que modelou a originalidade de uma experiência revolucionária, no âmbito africano, e permitiu antever as etapas que tivemos de percorrer ao longo de duas décadas, para fazer existir penamente o povo da Guiné e Cabo Verde, no concerto das nações livres do Mundo».

Como um corpo vivo, o Partido evoluiu no sentido de constantes e sucessivos ajustamentos às realidades experimentadas pelas massas populares. Reactualizando, após o massacre de Pidjiguiti, a sua apreciação da base social da luta na Guiné, da força física principal — a massa camponesa — e a força histórica mais importante — o conjunto dos assalariados e o sector revolucionário da pequena burguesia, o P.A.I.G.C. foi imprimindo uma nova dinâmica ao projecto de libertação do Homem na Guiné e Cabo Verde. No terreno concreto da luta armada, o PAIGC dotou-se de uma vanguarda revolucionária que orientou o processo de união e a organização das massas populares.

Para Cabral, a luta foi «o renascimento, a própria vida; o sol, os rios, os pântanos, a floresta — todas as coisas e todas as pessoas — adquiriram um conteúdo novo, um significado novo, até uma utilidade nova. A pouco e pouco na forja da luta derrubamos as barreiras internas na maioria criadas pelo opressor, para nos encontrarmos todos na mesma e nova dimensão da nossa vida, a dimensão nacional».

Assim se foi aprofundando o conteúdo da dupla característica de Partido-Movimento.

... E é justamente o PAIGC que, sintetizando as aspirações do povo da Guiné e Cabo Verde, através da luta armada de libertação, gera as Nações e forja os Estados.

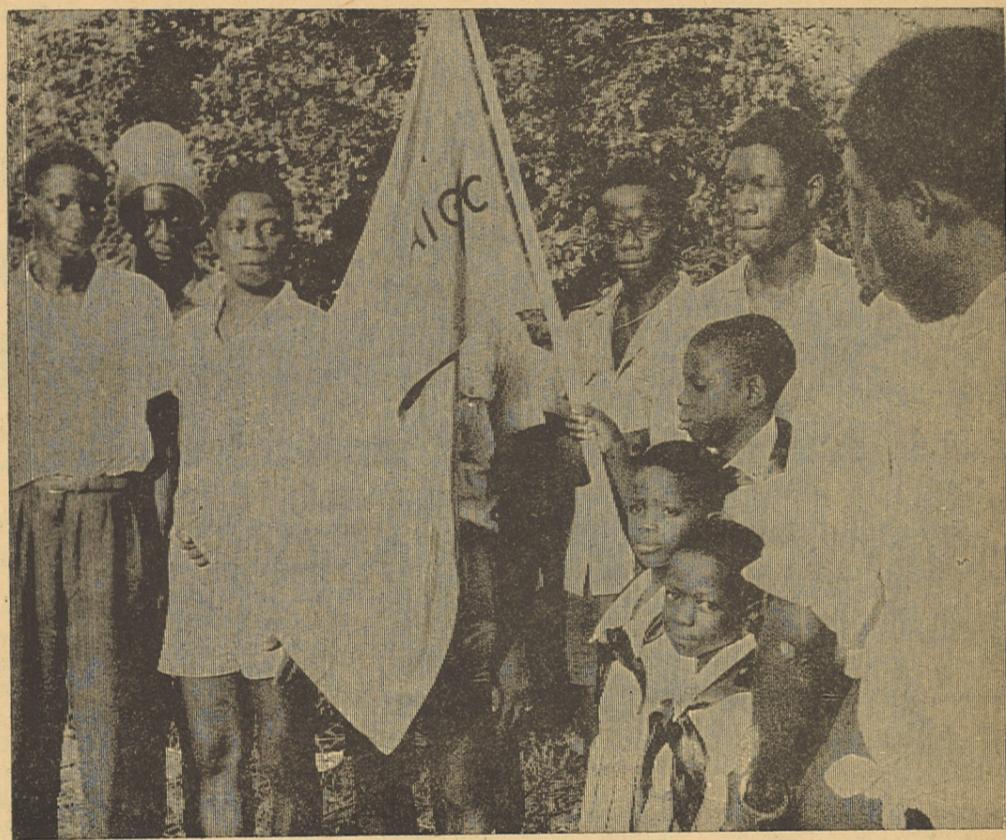
Na base da aplicação consciente das directivas do PAIGC, tanto no plano político como militar, conjugando harmoniosamente a mobilização e o apoio das populações com os sucessos militares das forças armadas foram-se criando no território da Guiné as regiões libertadas.

A sua defesa e consolidação gerou a necessidade de criar estruturas e controle popular, e de assegurar uma nova vida de relações políticas, económicas, sociais e culturais decorrentes da própria ideologia do Partido. Tendo destruído pro-



gressivamente a máquina do Estado colonial nas áreas rurais do espaço guineense, aniquilada a existência de Portugal como potência administrante, o P.A.I.G.C., instalou a nova sociedade das regiões libertadas. Desencadeou-se um processo de destruição criadora com o surgimento das escolas, dos hospitais e dos armazéns do povo, com o exercício do poder através dos Comités do Partido, dos tribunais populares, das milícias.

Assim, desde 1968 praticamente, Amílcar Cabral caracterizou esta situação na Guiné como a de um Estado, em desenvolvimento de que uma parte do território nacional (em particular os centros urbanos) era ocupada por forças militares estrangeiras. A contingência de tal situação ou as circunstâncias da guerra em que o Partido assumia cumulativamente tarefas políticas e administrativas, erigiu o PAIGC em Partido-Estado. Mas levando ainda mais longe a reflexão sobre esta realidade singular, Amílcar Cabral concebeu a necessidade de tirar todas as suas consequências no plano jurídico e internacional, pela eleição de uma Assembleia Popular e a pro-



Amílcar Cabral imprimiu aos acontecimentos históricos a marca das suas qualidades excepcionais de líder político, estratega militar, diplomata, em suma, de revolucionário do nosso tempo.

da Guiné e Cabo Verde, o PAIGC clarificou ideias e formou princípios válidos para a libertação de todos os povos. E foi no pensamento e na acção do Partido que um grupo de capitães portugueses, envolvidos na aventura pela defesa inglória de um império em desagregação, encontraram motivações políticas e estímulos necessários para lançar o movimento que conduziria à liquidação da noite fascista, permitindo assim ao povo português de viver a alvorada de 25 de Abril. As negociações entabuladas com o Governo português, na sequência da histórica Declaração do Comité Executivo da Luta publicada a 6 de Maio de 1974 e posteriormente os Acordos assinados em Aegel demonstraram a justeza das posições assumidas e a aplicação da palavra de ordem perfilhada pelo PAIGC: INDEPENDÊNCIA TOTAL E COMPLETA DAS NOSSAS TERRAS.

3. O processo de consolidação da conquista da independência introduziu a ruptura progressiva da identidade Partido-Estado, inerente à situação transitória da luta armada nas regiões libertadas.

Alavanca fundamental na obra da Reconstrução Nacional e Desenvolvimento, está reservada ao PAIGC, Movimento de Libertação no poder, a missão histórica de vanguarda do povo

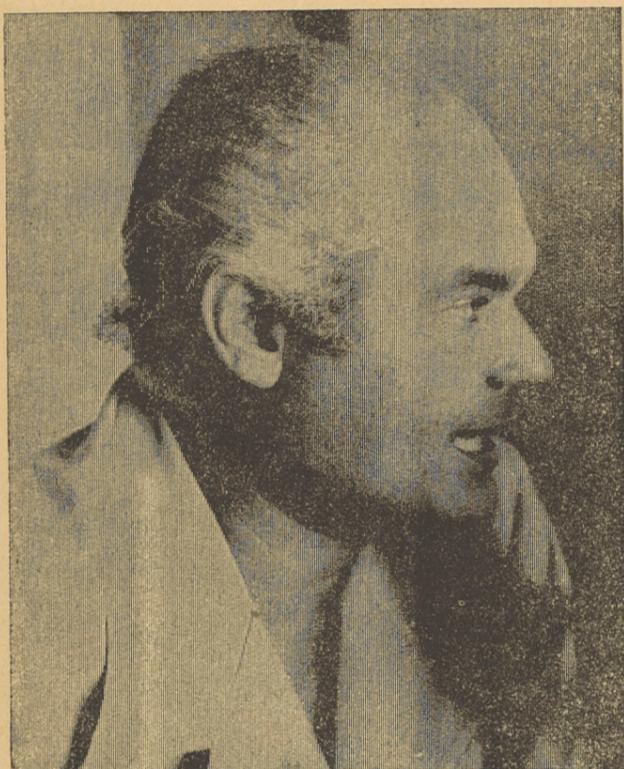
da Guiné e de Cabo Verde. Força política dirigente da sociedade, cabe-lhe particularmente o papel de orientação e controle dos aparelhos estatais nos dois países.

Finalmente, o Terceiro Congresso do PAIGC foi um exemplo relevante da actualização da mensagem dos fundadores do Partido, que o seu lema — Independência, Unidade e Desenvolvimento — constituiu não só, a materialização dos objectivos enunciados e Bissau no dia 19 de Setembro de 1956.

Nunca será demais sublinhar que, decorridos 22 anos medimos hoje com maior rigor histórico o alcance da fundação do Partido. Desse momento em que Cabral impulsionou os seus companheiros a empenharem-se totalmente na via da unidade e luta até à fase presente, o sangue anónimo dos mártires floriu na bandeira do Partido, para que o povo da Guiné e Cabo Verde desse dispor livremente o seu próprio destino.

A luta do PAIGC redimensionou a Guiné e Cabo Verde à escala do mundo, constituindo por seu turno um precioso capital revolucionário de referência para todos os combatentes da liberdade, engajados no processo de liquidação do imperialismo e de todas as outras formas de dominação.

Esse carácter universal do pensamento e da acção do Partido é talvez a contribuição mais exaltante e a mais original que os mártires do 19 de Setembro não podiam antever e hoje propomos à releitura das novas gerações das nossas terras.



Camarada José Araújo: na Guiné, como em Cabo Verde, desenvolve-se um trabalho de estruturação no seio do Partido

Tornar o Partido na vanguarda dos melhores trabalhadores

— José Araújo no 22.º Aniversário do PAIGC

«Nós não temos a ambição de nos tornarmos num Partido de massas. Podemos dizer que neste momento ainda somos um Partido de massas. A nossa ambição é o de tornar o nosso Partido, como dizia o camarada Cabral, cada dia mais Partido. Quer dizer, cada dia mais numa vanguarda onde se encontrem os melhores filhos da nossa terra, os melhores trabalhadores, as pessoas mais engajadas na luta de reconstrução nacional e na defesa das conquistas da nossa luta de libertação», estas palavras, pronunciadas pelo camarada José Araújo, Secretário Executivo do CEL, demonstram claramente as preocupações dos continuadores de Cabral em cumprir cabalmente as tarefas por ele traçadas quando criou aquilo que seria o instrumento mais eficaz para a concretização das nossas aspirações — o PAIGC.

Fundado por um grupo de patriotas decididos a se sacrificar para fazer mudar o rumo que tinha sido imposto à nossa história, o PAIGC tem vindo a cumprir a sua tarefa nobre e complexa de dirigir os des-

tinios do nosso povo na sua marcha irreversível para o caminho do progresso e do bem estar social.

Hoje, volvidos 22 anos, ao Partido incumbe a tarefa não menos importante e difícil de orientar os nossos povos para as tarefas da Reconstrução Nacional à luz das decisões do III Congresso. Realizado há menos de um ano, um dos pontos fundamentais da sua agenda foi a discussão, digamos uma nova discussão dos estatutos do Partido, de maneira a poder ver-se se as estruturas postas de pé por aqueles estatutos se ajustavam à fase actual.

AS INOVAÇÕES

«Podemos dizer que os novos estatutos adoptados pelo III Congresso não se diferenciavam essencialmente no que respeita à organização», disse o camarada José Araújo, para acrescentar que no essencial é o mesmo muito embora houvesse algumas inovações de grande importância. Essas dizem respeito nomeadamente à criação dos Conselhos Nacionais, que já existia em Cabo Verde desde o tempo da luta, embora com o nome de Co-

missão Nacional de Cabo Verde, e que depois se instalou em Cabo Verde ainda no período de transição. As razões, segundo explicou aquele dirigente do Partido, eram as ligadas à situação da luta de libertação.

Tais inovações revestem-se de grande importância porque veio transferir a discussão de problemas de carácter nacional já a um nível onde é mais prático fazê-la, explica o camarada José Araújo. Com efeito, após a sua designação pelo Conselho Superior de Luta, os Conselhos Nacionais já realizaram duas reuniões, todas elas de grande importância, sobretudo a primeira, em que se discutiu a composição das estruturas locais, quer dizer, das regiões, sectores, secção e a nível de base, tanto nos locais de residência como de trabalho.

Agora, os esforços centram-se na instalação das estruturas locais do Partido onde não existem, e na sua dinamização tanto a nível da região como do sector e da base. No último mês as atenções centraram-se principalmente no sector autónomo de Bissau, onde foi realizado um seminário para a estruturação do Partido nos locais de trabalho. Embora tivesse existido já alguns propósitos do Partido em diversos locais, esse seminário permitiu preparar quadros e lançar as bases para a estruturação e dinamização das actividades do

Partido nos outros locais de trabalho.

Também nos bairros as actividades políticas conheceram uma dinamização com a reestruturação dos comités locais. Para tal foram realizadas eleições antecipadas de uma campanha para a inscrição dos militantes nos grupos, tanto nos bairros como nos locais de trabalho. Isso porque, durante a luta de libertação nacional, os combatentes da liberdade da pátria na sua quase totalidade, estavam fora de Bissau e, portanto, não estavam inscritos nos locais de trabalho ou nos bairros da capital. Portanto, houve que fazer como que uma distribuição dos militantes pelos bairros em que residem e pelos locais de trabalho, levando-os a inscreverem-se ali.

«Nós pensamos que com as actividades já realizadas de que há ainda a realçar a reestruturação do Comité do Sector Autónomo de Bissau, este sector vai conhecer uma grande actividade», afirmou o camarada José Araújo, para informar em seguida que os próximos esforços irão ser orientados no sentido das regiões.

«Nós temos comités regionais mas a esses comités foi dada nova constituição pelo Conselho Nacional. Portanto temos agora de fazer uma reestruturação desses comités regionais, e quem diz comités regionais diz também comités de sector e mesmo de base no in-

terior do país, porque também a composição desses comités de base nas zonas rurais foi revista pelo Conselho Nacional.

POPULARIZAÇÃO DAS RESOLUÇÕES DO III CONGRESSO

Uma outra iniciativa do Conselho Nacional foi a organização de um seminário para a popularização das resoluções do III Congresso, uma acção que ainda está em curso. Com efeito, do seminário central saíram quadros que irão ser distribuídos pelas diversas regiões para fazer o seminário. No interior, essa acção será levada a cabo a nível de sector e aqui em Bissau nos próprios bairros, agrupados por zonas.

Embora tivesse referido, na sua entrevista, ao caso específico da Guiné, o camarada José Araújo informou que em Cabo Verde também estão a ser levadas a cabo iniciativas idênticas, com vista à implantação das estruturas do Partido no seio das massas.

CONCILIAR AS ACTIVIDADES PARTIDO — ESTADO

Apesar das prioridades que as tarefas do Estado exigem neste momento da nossa vida, esse facto não conduziu a uma negligência em relação às actividades partidárias. Tal facto foi aliás analisado pelo camarada José Araújo que afirma: «Simplesmente houve uma situação que exigiu que se desse mais atenção num determinado momento às actividades do Estado. O que houve foi que, num dado momento da nossa vida nós tivemos que dar mais

atenção à estruturação do Estado de que à estruturação do Partido», explicou para prosseguir: «Como toda a gente compreende, nós lutamos para instalar o nosso Estado em Bissau, e que, embora este já tivesse sido proclamado no Boé as suas estruturas resumiam-se aos Conselhos de Estado e de Comissários, devido às exigências da luta. «A guerra ainda existia, havia portanto que desenvolvê-la, ganhá-la de maneira que estava tudo mobilizado nas forças Armadas, na acção política e nas actividades de Reconstrução Nacional que, evidentemente, não eram as actividades de um Estado independente».

Com o termo da guerra e com a instalação do Estado em Bissau houve que tornar a criar o aparelho do Estado e de pôr rêdeas do Estado nas mãos do Partido, o que implicou que se tivesse que investir quadros o que viria a traduzir-se numa quebra da actividade propriamente dita do aparelho do Partido. «Mas, explicou o camarada Araújo, a actividade que se fazia no Estado nessa altura era uma actividade do Partido que interessava fundamentalmente ao Partido. Porque se o Estado não funcionasse era o Partido que não tinha funcionado». Aquele dirigente apontaria ainda o exemplo das culpas que se atiram por cima do Partido sempre que há falta de qualquer coisa. «Seja o que for que aconteça dizem o Partido. O Partido é que tem culpa de tudo porque é assim que a nossa gente entende essa coisa», concluiu o camarada José Araújo.

A nova sede do Partido

O edifício da antiga Associação Comercial e Agrícola da Guiné foi ontem entregue ao Secretariado do PAIGC durante a sessão solene de comemoração do XXII aniversário da fundação do Partido.

Recordamos que o referido imóvel foi devolvido à posse do Estado, pelo decreto lei n.º 26/78, emitido pelo Conselho dos Comissários de Estado a 30 de Agosto findo.

Na sua qualidade de Comissário de Estado das Finanças, o Camarada Carlos Correia após a leitura do despacho, fez a entrega das chaves do edifício ao Secretário Executivo do CEL do Partido, camarada José Araújo.

Passamos a escrever na íntegra o referido despacho, assinado pelo Comissário Principal Interino, Constantino dos Santos Teixeira:

Em cumprimento de uma ordem emitida pelo Conselho dos Comissários de Estado a 30 de Agosto de 1978.

1. É por mim encarregado o Comissário de Estado das Finanças de fazer entrega ao Secretariado do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) do imóvel sito na Praça dos Heróis Nacionais, em Bissau, que foi devolvido à posse do Estado por força do decreto n.º 26/78, de 30 de Agosto de 1978.

2. O imóvel acima referido, que é entregue com todo o seu recheio inventariado, deverá ser utilizado pelo PAIGC para nele instalar sua sede.

3. O acto da entrega deverá ter lugar no dia 19 de Setembro de 1978, vigésimo-segundo aniversário do PAIGC.

Comités do Partido

(Continuação da 1.ª Pág.º)

que alguns comerciantes fiquem um pouco aborrecidos com o caso. Mas nós não podemos fazer tudo aquilo que agrada a todos. Aquilo que fazemos tem que agradar, antes de mais, à grande maioria do nosso povo servindo os seus interesses e os do nosso Partido. E temos a certeza que estamos a servir esses in-

teresses com a tomada desta medida.

Após a tomada da Associação Comercial queremos colocar os comerciantes no lugar que lhes cabe no nosso país: como trabalhadores da nossa terra e como pessoas que dão uma contribuição válida no circuito de distribuição de mercadorias no país e não num lugar de segundo palácio da Guiné-Bissau e do nosso povo...



ção, nas horas de ponta, é difícil de controlar

frenta enormes problemas. de transportes colectivos e n público exigente e nume- satisfazer as suas necessi- to, não pode mandar vir tempos, chegarão mais au-

chefe dos taxistas, deu-nos deste problema: antes da cionamento havia 120 táxis ssidade de mais táxis. Como ue a Silô Diata satisfaça as táxis e mais 10 particulares,

tradas afecta muito a em- s do interior onde é impos- to rentáveis. Há bem pouco s excursões para Bafatá no

nenhum quadro formado em andar empregados para es- medida que a empresa vai terá de quadros.

fazem um amontoado que dá cabo de tudo que está pela frente e depois é impossível controlar o número de passageiros. Muitos condutores já foram castigados por transportar passageiros a mais. Se formos a ver bem, nem o condutor nem o cobrador têm culpa. E os culpados passam a vida a criticar-nos.

N. P. — Os passageiros que viajam dependurados na porta não vos criam problemas?

J. M. — Já fomos parar á polícia várias vezes, porque os passageiros quando caem da porta abaixo, vão-se queixar á polícia que o condutor os deitou do autocarro abaixo».

«LOTAÇÃO: UMA CRITICA SEM FUNDAMENTO»

N. P. — O que acha das críticas que vos foram dirigidas acerca das lotações?

J. M. — «Quanto á critica que nos foi dirigida no jornal acerca das lotações, nas carreiras do interior, não passa duma critica sem fundamento e sem «cabide-la», porque o número máximo de passageiros que um autocarro pode levar, já superlotado, é de setenta, e nenhum autocarro da nossa empresa pode ter levado 150 passageiros, como afirmou o vosso leitor Alexandre Brito Furtado numa crítica no jornal Nô Pintcha, cujo título é: Silô Diata cabe sempre mais um.

N. P. — Para quando a nova garagem da Silô Diata?

O camarada Ansumane Mané respondeu nos: A garagem estará pronta antes dos fins de Dezembro. As casas para os funcionários estão prontas, a secretaria também. Só o posto de rádio e os acabamentos interiores da oficina, é que estão por concluir.

N. P. — A mudança para a nova garagem vai facilitar-vos o trabalho?

A. M. — «Lógicamente, porque na nova garagem não vamos ter os mesmos problemas que temos nesta. Falta de espaço para as reparações, falta de espaço na secretaria e outros problemas».

N. P. — O posto de rádio vai melhorar o serviço?

A.M. — «Sim. O público vai beneficiar com a mudança, porque todos os carros já têm rádio e logo que o posto esteja montado, os telefonemas passarão a ser



O número de táxis é insuficiente para satisfazer as necessidades do público

atendidos tanto durante o dia como à noite, que é quando é mais necessário.

É NECESSARIO TERMOS UM BOM STOCK DE PEÇAS

N. P. — O vosso stock de peças está apetrechado?

A. M. — «Antes pelo contrário, temos um número muito reduzido de peças.

O camarada Raimundo, chefe dos mecânicos, tem adaptado algumas peças e o camarada Malandjino Mané tem conseguido, também, al-

Silô Diata: O PÚBLICO PROTESTA, MAS DESCONHECE AS REALIDADES MATERIAIS DA EMPRESA

gumas peças junto dos Armazéns do Povo.. Isto, para os autocarros. Mas para os táxis é ainda pior, porque há táxis que não podem andar de noite, devido à falta de parábolas, para ao faróis.

O Comissariado do Comércio e Artesanato prometeu-nos que autorizaria brevemente a importação de peças. A partir do dia em que chegarem as peças não vamos ter nenhum carro parado. Até o táxi que teve um acidente, na estrada Mansába-Bafatá e que está paralizado por falta de peças, poderá voltar a funcionar.

N. P. — Os mecânicos estão a altura de reparar qualquer avaria?

A. M. — «Estão e podem estar cientes de que, se não estivessem, teríamos metade dos carros parados. Os mecânicos chegam a fabricar peças que remedeiam perfeitamente.

LIMPEZA A HORAS, E DINHEIRO CERTO

N. P. — A limpeza dos

não, porque o controle da saída de bilhetes e entrada de dinheiro é tão simples que nenhum deles se atreve a entregar dinheiro a menos, pelo menos na sede. As nossas sucursais também não têm apresentado problemas desses.

N. P. — O interior dos carros estão em boas condições?

J.M. — «Os táxis não têm esse problema, mas, nos autocarros é uma constante. Os passageiros são muito daninhos, são eles que nos estragam os vidros e os interruptores que fazem o sinal de paragem.

A falta de vidros nas portas vai ser resolvida, porque já mandámos buscar chapas de vidro»

N. P. — Os salários estão em atraso? E os fretadores pagam-vos na devida altura?

J. M. — Não, os salários são pagos até ao dia 6 no máximo. E os fretadores pagam-nos no acto do alugue! Só os comissariados e os clubes desportivos é que nos pagam depois.

PROCURAR UM TAXI É COMO PROCURAR UMA MÃO DE «NHELEM» NUM SACO DE ARROZ

N. P. — O camarada Abel é capaz de nos falar sobre a falta de táxis?

Abel Carlos Medina, chefe dos taxistas:

Dos 36 táxis, 29 estão em funcionamento. O público não quer entender que o táxi é individual e que, por lei, só pode levar um fretador. O que nos levou a contactar a secção de viação e automobilismo do Comissariado dos Transportes para expormos o nosso problema. Alegávamos a falta de táxis e que, por isso, precisávamos duma autorização especial para podermos transportar, legalmente, vários fretadores. Responderam peremptoriamente que não, porque o táxi não é transporte colectivo. Fizemos uma reunião com os taxistas e dissemos-lhes que estavam proibidos de transportar vários fretadores, porque a empresa não pagava nenhuma multa relacionada com este problema. Estamos cientes que alguns taxistas não cumpriram, mas foram eles que pagaram todas as multas. Não podemos ter fiscais por todos os lados.

N. P. — Os clientes não apresentam problemas?

C. M. — Apresentam. Há dois tipos de pessoas: os que vêm reclamar directamente e os críticos da coluna dos leitores do jornal «Nô Pintcha».

Houve clientes que se queixaram dos condutores que passam a vida a passear. Talvez isso aconteça, é-nos impossível controlá-los. Mas de qualquer maneira têm que apresentar a receita de acordo com os quilómetros que o carro andou, porque na folha de receita registam se os quilómetros com que o carro saiu e com que o carro entrou. E mais, os nossos condutores não têm possibilidades de pagar 200 pesos por dia, pelos quilómetros que andaram a passear.

SERVIÇO DE URGÊNCIA APENAS COM TRÊS TAXIS

N.P. — Têm serviço de

urgência? Aonde? E quanto táxis?

C. M. — Temos um serviço de urgência na Chap de Bissau, com três táxis.

Os táxis de serviço entram em funcionamento a partir do momento em que os outros param, e são para as pessoas que precisam de ir para o hospital.

No local há um telefonista que atende todas as chamadas. Como, sempre, houve vários casos de pessoas que telefonaram para o posto quando os taxistas chegavam ao local não havia uma viva alma. Com brindeiras destas, a Silô Diata não pode dar folga aos taxistas, que passam a noite a atender chamadas sem utilidade para ambas as partes.

Há casos ainda mais ridículos. Pessoas que vão para as festas aos sábados até de manhã, e querem que os taxistas os levem, porque estão cansadas.

N. P. — Com a chegada de mais táxis, o serviço melhorará?

C. M. — Melhora, porque podemos ter maior número de táxis parados, sem prejudicar o público durante os outros períodos do dia.

Neste momento, temos 2 táxis, três fazem o serviço de urgência e sete vão para o interior; ficámos com 1 táxi para circular na cidade de Bissau, durante o dia. Se puséssemos dez para o serviço de urgência, ficaríamos com 12 para circular na cidade de Bissau, durante o dia.

O problema mais grave, que temos um condutor para cada carro e não temos possibilidades de manter mais condutores suplentes.

Antes de finalizarmos nossa entrevista, os camaradas com quem mantivemos cerca de uma hora de troca informal de impressões, quiseram aproveitar oportunidade para fazer através do nosso jornal, um apelo à compreensão do público, pois disseram nos «esforçamo nos por fornecer o melhor serviço possível mas estamos a braços com toda a espécie de dificuldades, desde a falta de infra-estruturas técnicas à falta de meios humanos devidamente preparados».

Ténis

Seleção de Cabo Verde no "Torneio 24 de Setembro"

A seleção de ténis de Cabo Verde chegará a Bissau no próximo sábado para tomar parte no «Torneio 24 de Setembro», onde defrontará a seleção de ténis de Bissau. Este torneio relâmpago, que se realizará no próprio dia 24, foi organizado pelo Conselho Superior dos Desportos, em comemoração desta histórica data, em que se festeja o V Aniversário da proclamação da Independência da Guiné-Bissau.

As duas seleções defrontar-se-ão em encontros singulares e de pares. A par deste torneio, a uns da Escola Central do Lawn Ten-

nis de Bissau farão demonstrações em homenagem à seleção convidada.

CONTINUAÇÃO DO TORNEIO JAAC

No prosseguimento do «Torneio JAAC de ténis», organizado pela Escola Central de Lawn Tennis de Bissau, o tenista João Chantre derrotou o seu opositor, Toni Almeida, no encontro de domingo à tarde por 6-1, (2-6) e 7-5.

Este torneio será suspenso por alguns dias, enquanto se cumpre o programa do «Torneio 24 de Setembro».

Anúncios

Agradecimento

Maria Augusta de Sá e filhos, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, vêm por este meio agradecer a todos os amigos que os acompanharam na sua dor quando do falecimento do seu marido e pai, Francisco José de Sá, ocorrido em 10 do corrente.

Mudança de nome

Nos termos do n.º 1 do Art.º 368.º do Código do Registo Civil, faço saber que

José Gomes, solteiro de 25 anos de idade, monitor escolar, natural de Encheia, Sector de Bissorã, Região de Oio, residente em Bissau, filho de Fronté Indami já falecido e de Oié Matche, requereu a alteração da composição de seu nome fixado no assento de nascimento para José Fronté Indami.

São por isso convidados todos os interessados incertos a deduzirem a oposição que tiverem no prazo de 30 dias a contar da data da publicação deste anúncio no jornal «Nô Pintcha».

Farmacias

HOJE — «CENTRAL FARMEDI N.º 2» — Bairro de Belém, telefone 2460.

AMANHÃ — «FARMACIA HIGIENE» — Rua António N'Bana, telefone 2520.

Cinema

FILME a ANUNCIAR.

Telefones

Bombeiros Voluntários — 2222.

POLÍCIA; 1.ª Esquadra 3888 — 2.ª Esquadra — 3444.

CORREIOS; — Informação 2600 — Radiodifusão Nacional 2430 — Aeroporto /4 — TAP 3991/3 — LIA 3004 — Aeroflot 2707 — Air Argelie 3775/7.

Chegadas e partidas de navios — 2922/5.

COMPANHIA DE ELECTRICIDADE E AGUAS

Gabinete do Director e Serviços Administrativos — Telefone 2411; fone 2414 (7 à 1h).

Brigada da Assistência aos Consumidores — Telefone 2414 (7 à 1h).

Opinião

Que desporto queremos?

O que é que entendemos por «desporto de massas»? Será de massas um desporto em que 22 jogadores se defrontam em campo e milhares de pessoas ficam de rabo sentado nas bancadas, vibrando com exagerada paixão pelas vitórias ou derrotas do «seu» clube, e chegando, com lamentável frequência, a agredir-se mutuamente, num clima que nada tem de desportivo?

Que papel poderá ter na construção do Homem Novo um desporto-espectáculo em que jogadores se deixam corromper para proporcionar a vitória da equipa adversária? Qual será o «ideal desportivo» dum «desportista» que não deseja outra coisa senão ser contratado por alguma equipa estrangeira que lhe pague uns bons milhares de contos por chutar uma bola?

Mas, será este o desporto que queremos? Era sem dúvida nenhuma, o «desporto» que melhor servia os colonialistas, que tinham todas as razões para exultar por verem guineenses à pancada com guineenses por cau-

sa das cubites futebolíticas. E ainda lhes sobrava desca-ramento para se apresentarem como muito «populares», por darem incremento a um «desporto» que tanto entusiasmava as massas.

Hoje, o caminho que percorremos é outro. Mas o fungo do anti-desporto continua bem vivo, e alastra.

Decerto que seria irrealista tentarmos cortar o mal pela raiz, dum só golpe. Nada temos contra o futebol em si, que pode ser um desporto tão saudável como qualquer outro. O que há que destruir é o futebol-espectáculo, o futebol-paixão clubista, o futebol da mira no dinheiro, o futebol-pancadaria, a alienação e o anti-desporto.

Não podemos encolher os ombros e dizer: a malta gosta, não podemos contrariá-la... É certo que «a malta gosta» de ver futebol. Mas a clubite apaixonada e alienatória que faz desse jogo uma arena de confrontos anti-desportivos foi injectada nas pessoas através de um aparelho de propaganda montado pelo poder

colonial e que ainda não nos abalançamos a desmontar. Se déssemos ao basquetebol ou ao ténis, ou a qualquer outra das modalidades ditas «pobre», estádios com capacidade para muitos milhares de pessoas, se a nossa rádio fizesse relatos integrais e excitadíssimos dos seus principais jogos em cada semana, se o nosso jornal lhes dedicasse páginas inteiras — e tudo isto e muito mais é o que se faz com o futebol — facilmente teríamos, ao fim duns tempos, os entusiastas deste ou daquele clube a agredirem-se violentamente os do clube adversário no fim dum jogo de — porque não? — basquetebol ou ténis...

A verdade é que o dito «desporto das multidões» (mais uma falsidade, porque quem fica a ver e a gritar não está a praticar desporto a'gum, a não ser, eventualmente, o pugilismo...) foi fabricado numa ponta à outra por uma propaganda meticulosa e deliberada. Com os resultados que estão à vista.

Como resolver o proble-

ma? É tão fácil como isto: atribua-se ao futebol a mesma importância (não peço menos — apenas a mesma...) que aos outros desportos. A rádio e o jornal devem dar-lhe a mesma atenção que dedicam às restantes modalidades: nem mais uma linha, nem mais um minuto de emissão. As verbas autorizadas pelo Conselho Superior de Desporto para organizar competições de futebol devem ser idênticas às que dedicam ao atletismo ou à natação. Os clubes devem ser convidados a fazer o mesmo para começar, o exemplo deve partir dos organismos estatais e das Forças Armadas. Apesar de tudo isto, ainda nos ficariam, como herança, os grandes estádios e uma noção deformada do que é o desporto. Mas, como primeiro passo, já seria muita coisa.

Não se pode curar a doença dum dia para o outro. Mas pelo menos, não precisaremos de andar constante e deliberadamente a agravar o mal.

Para onde vai a música moderna da Guiné-Bissau?

Para se poderem aclarar as ideias sobre a evolução da nossa música moderna, será necessário remontarmos um pouco na história do movimento que precedeu as criações musicais actuais.

José Carlos Hans Schwarz, um estudante liceal, iniciou nos fins da década de 60, juntamente com alguns colaboradores amigos, experiências musicais com a formação de um conjunto, (Sweet Fanda) cujos temas variavam desde a música anglo-saxónica até à afro-cubana. A aprendizagem de certas técnicas bastante aprofundadas, numa altura em que as ideias políticas nacionalistas já eram cada vez mais assimiladas pelos jovens dos centros urbanos, deu sementes que serviram para o rejuvenescimento do nosso património artístico nacional.

Mais tarde, esse grupo bissauíno, cansado de tratar temas sem auditório e sem inserção na cultura nacional, e com uma consciência política acentuadamente nacionalista, desembaraçou-se das influências das correntes musicais importadas da Europa e afins e dedicou-se inteiramente aos patrimónios culturais africanos e nacionais. Naturalmente que não seria de ignorar nem de desprezar o

controle repressivo do colonialismo sobre essas manifestações. Mesmo assim, José Carlos, Aliu Bari e outros, meteram ombros à tarefa. Por sugestão deles, foram postos de parte os instrumentos e aparelhagem electrónicos e todas as suas formas de sofisticação, os quais foram substituídos por instrumentos tradicionais (tambores, tumbas, bombolons, congomas, violões, etc.) Os ritmos musicais inspiraram-se directamente no Gumbé e do Sico crioulo. Com a pronta intervenção de iniciados poetas revigoraram-se os temas, poitizando-os.

Tal foi o interesse e entusiasmo despertado nas massas populares, que não tardou que, após a formação do primeiro conjunto verdadeiramente nacional, o «Cobiana Jazz», com José Carlos e Aliu Bari à testa, aparecessem por aí conjuntos em massa:

O conjunto académico «Juventude 71», seguido do «Voz da Guiné»; um ano mais tarde o «Mama Djombo», «N'Kassa Cobra» e os «Capas Negras», fizeram a sua entrada na cena musical guineense. Importa sómente referir os mais representativos porque desses

partirão as grandes linhas gerais, por onde se irão canalizar toda a produção e estilos musicais em vigor na nossa panorâmica renascida. Não nos esqueçamos, no entanto, de mencionar os dotes artísticos versáteis de que se armaram estes jovens para que o movimento tivesse o corpo que tem.

Hoje, no país emergente, arcando com sérias responsabilidades de reconstrução nacional, vários sectores lutam resolutamente contra todas as forças retrógradas legadas pela era colonial, para porem a arte ao serviço dos interesses das massas.

A música moderna, entre múltiplos sectores e como parte indissociável da nossa cultura, redobrou os seus esforços desde a expulsão do colonial-fascismo, no sentido de assumir o seu próprio destino. Nasceram mais conjuntos. Promoveram-se em larga escala nacional manifestações musicais. Nacionalizou-se o Cobiana Jazz, mostrando o interesse do Estado em criar bases para o desenvolvimento da Música Nacional.

As criações multiplicaram-se sempre inspiradas no folclore nacional. Tem-

pos volvidos, diferenciaram-se os estilos e temas, denotando uma certa evolução, e como não podia deixar de ser nasceu o estrelato. Destacaram-se intérpretes de certa envergadura, quer pelo manejo hábil dos instrumentos, quer pelas suas capacidades de criação.

Ultimamente, com a grande abertura internacional, boa-hora obtida pela total libertação dos nossos territórios, surge o grande problema das influências do exterior. Nomeadamente o caso da República da Guiné (Conakry).

Culminando as insuficiências nos nossos fracos alicerces, perdemos em Maio de 1977, um dos maiores promotores, senão o maior da música moderna da nossa terra — José Carlos Hans Schwarz.

Será que havemos de continuar pela via das importações?

Não camaradas músicos! Reencontremos o caminho do José Carlos e Aliu Bari, antes que seja tarde!

O Folclore é o nosso verdadeiro e único património cultural.

VIVA A NOSSA CULTURA!

Victor Gomes Pereira

Terminou a Conferência de Solidariedade

Cimeira de Camp David considerada perigosa e capitulacionista

ADDIS ABEBA, 17 — A Conferência de Solidariedade de Addis Abeba terminou no domingo com uma declaração geral que condena o imperialismo, reafirma o direito dos povos árabes e africanos a defenderem os seus direitos, a sua independência económica e nacional, e exprime um apoio caloroso aos países socialistas.

Esta «Conferência Internacional de Solidariedade com os Povos Africanos e Árabe em Luta Contra o Imperialismo e a Reacção», que durou quatro dias, reuniu na capital etíope os delegados de 132 países e organizações do mundo inteiro.

A declaração final condena as novas estratégias do imperialismo, nomeadamente as tentativas de hegemonia sobre as potencialidades económicas dos países jovens, os esforços para a criação de um pacto militar do Atlântico Sul, a utilização de mercenários e a criação de tensões no Líbano e no Sul da península arábica.

O imperialismo tenta por todos os meios impedir a eliminação dos regimes racistas da África Austral, acrescenta o texto, que acusa a OTAN de ingerência no

Zaire, e de múltiplas intrigas no Mar Vermelho e em África, e de tentar pôr em pé uma dita força de segurança pan-africana.

Os participantes à conferência exprimiram a sua solidariedade com todos os movimentos de libertação nomeadamente a Frente Patriótica do Zimbabué, o Congresso Nacional Africano da África do Sul, a Frente Polisário e a OLP únicos representantes autênticos dos seus povos.

Por outro lado, a cimeira de Camp David foi denunciada como perigosa e capitulacionista numa das seis resoluções adoptadas pela conferência. Os participantes reafirmaram que recusavam qualquer solução política no Próximo Oriente, que ignore os direitos nacionais legítimos do povo palestino e de outros povos árabes. Numa segunda resolução sobre o Próximo Oriente, a conferência condena as conspirações imperialistas contra o movimento nacional libanês e a revolução palestina, bem como a coligação de Israel com as forças libanesas isolacionistas e as tentativas de destabilização do Yémen Democrático e do movimento progressista do Yémen do Norte.

A resolução exprime o apoio às forças progressistas da Arábia Saudita, do Oman e do Bahrein, exige a expulsão das tropas iranianas de Oman, o encerramento de bases americanas e britânicas no gofo arábico e o fim de monopólios petrolíferos imperialistas.

A conferência adoptou, por outro lado, quatro resoluções sobre a África, denunciando a política reaccionária de alguns países, cujas manobras pretendem instaurar uma guerra fratricida entre povos africanos. Uma resolução sobre o Sahara Ocidental condena o Marrocos ao mesmo tempo que apela a Mauritânia a abandonar a guerra contra o povo Saharai.

A conferência reclamou o desmantelamento total e imediato das bases militares imperialistas em África. Ela condenou a França pelas suas «agressões militares arrogantes» exige a retirada total das tropas francesas do continente.

Finalmente, uma resolução sobre a África do Sul exige sanções económicas contra Pretória e expulsão da África do Sul da ONU. — (FP)

Relações Marrocos-Mauritânia discutidas no encontro Hassan II-Ould Salek

RABAT 18 — As relações entre a Mauritânia e o Marrocos à luz das transformações registadas em Nouakchott após o golpe de Estado de 10 de Julho, foram tema das conversações, que começaram ontem à tarde, entre o rei Hassan-II e o

tenente coronel Mustapha Ould Mohamed Salek, presidente do Comité Militar de Recuperação Nacional mauritaniano.

O chefe de Estado da Mauritânia chegou ao princípio da tarde de ontem a

Rabat tendo sido acolhido pelo rei marroquino.

Mustapha Ould Mohamed Salek, que se encontra acompanhado de uma importante delegação, regressaria a Nouakchott ainda ontem à tarde.

Mil e quinhentos mercenários americanos para a Rodésia — denuncia a ZAPU

LUSAKA 17 — Um grupo de 1500 mercenários contratado nos Estados-Unidos pelo regime racista de Ian Smith foi enviado para a Rodésia por uma organização americana chamada «Christian Soliers» (soldados de cristo).

Segundo um comunicado da ZAPU (União Africana do Povo de Zimbabué), muitos israelitas fazem parte deste contingente.

Os mercenários destinam-se a reprimir a luta de libertação nacional do povo zimbabué. Jil Pace, veterano desta «profissão» e que fez estágio no exército americano no Vietnam, é o chefe do grupo. Numa conferência dada em Londres declarou cinicamente que os mercenários americanos «transbordarão de felicidade» ao exterminarem os patriotas zimbabueanos. (Tass, FP).

Fidel Castro na Argélia

ARGEL, 18 — Encontrase nesta cidade, para uma visita de amizade e trabalho, o primeiro-ministro cubano Fidel Castro, durante a qual foi recebido pelo seu homólogo argelino Houari Boumediene, soube-se ontem de fonte oficial argelina.

Nenhuma indicação foi dada a respeito da visita à capital argelina do Primeiro-Ministro cubano que se encontrava desde a semana passada em Adis Abeba.

Os observadores dizem que Fidel, que visita Argel pela segunda vez neste ano, faz regularmente da capital argelina uma das etapas das suas viagens à África e à Europa do Leste.

Intensificou-se a ofensiva da Polisário no sul do Marrocos

ARGEL, 18 — Cerca de 60 militares marroquinos foram mortos e 50 foram feridos na semana passada no sul de Marrocos e no Norte do Sahara Ocidental, durante as operações desencadeadas contra as colunas do exército de Hassan-II, anunciou ontem, em Argel, um comunicado do Ministério Saharai da Defesa.

O comunicado precisa que o mais importante destes dois ataques que se desenvolveram na região de Lebouirete a cerca de 100 quilómetros de Tan Tant (sul de Marrocos), causou 47 mortos 50 feridos entre as tropas marroquinas e a destruição de uma dezena dos seus veículos.

Outras dezenas de militares foram mortos e 4 camiões foram destruídos, durante a 2.ª operação, a norte de Smara (Sahara Ocidental) contra uma unidade de comandos do exército marroquino, acrescentou o comunicado saharai.

O comunicado indicou ainda que um avião marroquino «F 5» foi abatido na semana passada na região de Khreibichet, perto de Smara, e que o comandante Piloto Ai Nadjib, está detido.

Por outro lado, o mesmo ministério indicou no sábado que várias traineiras estrangeiras que pescavam no largo do Sahara Ocidental, foram atacadas na semana passada pelos combatentes Saharauís.

No comunicado publicado na capital argelina, o Ministro da Defesa da RASD afirmou que estragos importantes causados a muitos outros navios, cujos tripulantes, armadores e governos ignoraram mais uma vez as advertências, feitas regularmente pela ELPS (Exército de Libertação Popular Saharai), aos que participam na pilhagem dos recursos naturais saharauís. (FP)

Face às manobras de Voster

SWAPO decide continuar a luta

NOVA YORK, 16 — A SWAPO (organização nacionalista da Namíbia) prosseguirá a guerra contra a África do Sul até que as

suas exigências sobre a Namíbia sejam satisfeitas, declarou na sexta-feira o seu presidente Sam Nujoma, numa entrevista em Nova York.

Nicarágua

Prosseguem os combates e a repressão

MANAGUA, 18 — A operação de «pacificação» da guarda nacional do presidente Somoza em Leon, a segunda cidade da Nicarágua praticamente destruída, parece ter resultado. Execuções sumárias de jovens pelas forças governamentais foram confirmadas. Em contrapartida, as forças sandinistas controlam Chiandega e Esteli e anunciam a ocupação de Pena Blanca, perto da fronteira costa riquenha.

Em San José, o governo da Costa Rica desmentiu formalmente as acusações do presidente Somoza, segundo as quais forças costarriquenhas teriam ajudado os sandinistas.

Em Caracas, o presidente venezuelano, Carlos Andres Perez, confirmou no domingo a sua decisão de assistir à assembleia geral da ONU, com o fim de expor a situação na Nicarágua.

Nujoma acusou ainda a África do Sul de pretender impôr um neo-colonialismo na Namíbia, apesar dos esforços das Nações Unidas. A SWAPO, aprovou na semana passada o plano de Kurt Waldheim prevendo o envio de 7.500 capacetes azuis e de 1.200 funcionários da ONU para a Namíbia no período transitório anterior à independência.

Entretanto, soube-se que o número de presos políticos nas prisões e nos campos de concentração da República sul-africana ultrapassa a dos africanos admitidos nas escolas primárias. Esta declaração foi feita em Dakar, por um dirigente do Congresso Nacional da África do Sul, Bruno Saliva.

Aumentando o terror e as represálias, a administração racista apoia-se na potência do aparelho militar e policial para lutar contra a população civil. Cada dia, são ditados mais de 40 africanos. Nas prisões são espancados e torturados. Dezenas de milhares de pessoas estão detidos sem julgamento nem processo.

SISMO NO IRAO: 11 MIL MORTOS

TEERÃO 18 — A agência iraniana de imprensa «PARS» anunciou ontem que o balanço do sismo que destruiu quase completamente a cidade de Tabas no Irão é de 11 mil mortos, enquanto a imprensa não oficial fala em 18 mil.

Segundo as declarações das primeiras testemunhas que chegaram no domingo ao local, Tabas está literalmente «por terra». — (FP)

AFEGANISTÃO CORTA RELAÇÕES COM A COREIA DO SUL

ISLAMABAD 18 — O Afeganistão rompeu todas as suas relações com a Coreia do Sul, indicou um comunicado governamental difundido pela Rádio Kabul antontem à noite.

O Afeganistão só reconhece doravante a Coreia do Norte, única representante do povo coreano, acrescentou o comunicado. — (FP)

LIGAÇÃO POSTAL ABIDJAN-CONAKRY

ABIDJAN 18 — As ligações telegráficas, telefónicas e de telex quotidianas entre Abidjan e Conakry são agora possíveis, segundo anunciou um comunicado publicado pelo ministério marfinsense dos Correios e Telecomunicações. Estas ligações estão abertas todos os dias. — (FP)

LUTA CONTRA O TRAFICO DE DROGA

SÓFIA 16 — A primeira conferência aduaneira internacional para a cooperação na luta contra o tráfico de estupefacientes terminou em Varna (Bulgária). Os delegados de 24 países da Europa, da Ásia, da África e da América participaram no encontro, tendo procedido ao intercâmbio de opiniões e de experiências na luta contra o tráfico de estupefacientes. Decidiu-se reforçar a cooperação entre as organizações aduaneiras de todos os países do mundo. — (Tass)

ENVIADO ARGELINO NA EUROPA

ARGEL 18 — A fim de examinar com os seus homólogos socialistas as possibilidades de reforçar a cooperação entre a Argélia de um lado e a Hungria, União Soviética e Bulgária do outro, no domínio do Ambiente e das Construções, partiu para estes países o titular argelino desta pasta, Abdelmajid Auochice. A Argélia está em vias de lançar um vasto programa de protecção do meio ambiente, e precisa de assistência técnica para executá-lo. — (FP).

XXII aniversário da fundação do Partido

Continuação da 1.ª página

Secretário-Geral do nosso Partido que, apesar de ausente em Cabo Verde, — conforme as palavras do camarada Araújo — «certamente está com a atenção concentrada nesta reunião».

O camarada Mário de Andrade, coordenador-geral do Conselho Nacional da Cultura, companheiro desde a sua juventude do fundador da nossa nacionalidade, Amílcar Cabral, fez nesta reunião, um vasto historial da vida de luta de Cabral e

do PAIGC. Antes, porém, o camarada José Araújo fez um balanço das actividades desenvolvidas pelo Partido, desde a realização do III Congresso em Novembro do ano passado.

As suas palavras incidiram sobretudo em questões de estruturação do Partido, mais concretamente sobre os novos estatutos adoptados no III Congresso, um dos quais visava a criação de Conselhos Nacionais na Guiné e em Cabo Verde. «Esses Conselhos Nacionais foram hoje postos de pé, e

funcionam com os seus secretariados em ambos os países, organizando e desenvolvendo a vida diária do nosso Partido» — acrescentou José Araújo.

Estes Conselhos Nacionais tomaram a importante decisão no que respeita a organização do Partido a nível regional, de sector, e a nível da base. Na organização a nível local tomou-se a decisão de criar Sector Autónomo de Bissau. Este sector foi reestruturado depois, e agora, deceu-se mais abaixo, e foram organizados semi-

nários, para a criação de novas estruturas de base nos locais de trabalho, que foi completada ontem com as eleições para formação dos comités do Partido dos referidos locais.

Seguidamente o camarada Otto Schacht,

do CEL do Partido leu os nomes dos camaradas que foram eleitos para constituírem os comités dos locais de trabalho, que foram saudados pelo camarada Luiz Cabral, através dos seus respectivos presidentes.

Juramento de novos pioneiros na Praça Titina Silá

Numa cerimónia realizada hoje de manhã na Praça Titina Silá, em Bissau, 328 novos pioneiros da Organização de Pioneiros Abel Djassi prestavam juramento de fidelidade aos princípios desta organização. Como convidados de honra, estavam presentes nesta cerimónia os camaradas Otto Schacht, membro do Comité Executivo de Luta do P.A. I.G.C., Carlos Correia, do CEL e Comissário de Estado das Finanças, Chico Bá do CEL e responsável Nacional da Juventude Africana Amílcar Cabral, Mário Cabral, Comissário da Educação Nacional, Helmut Senst, director da Escola da Embaixada da RDA no nosso país, além de outros membros da FDJ, pioneiros da RDA, e outros responsáveis da JAAC.

Este acto que decorreu diante do monumento à memória da heroína nacional Titina Silá, iniciou-se com a entoação do Hino Nacional pelos pioneiros. A pioneira Maria Alice dos Santos começou por falar

agradecendo a presença de todos os convidados, ao esmo tempo que descrevia a finalidade deste acto solene em que, conforme disse: «nós os Pioneiros Abel Djassi prometemos servir o nosso Partido, a JAAC a nossa organização de Pioneiros, e sermos os futuros continuadores do nosso líder imortal, o camarada Amílcar Cabral».

A camarada Filomena Barreto, primeira responsável da Comissão Nacional dos Pioneiros Abel Djassi fez uma pequena intervenção, seguida pelo camarada Otto Schacht, que reconheceu os pioneiros como futuros continuadores do nosso Partido. Ele salientou o grande amor que Amílcar Cabral tinha para com as crianças, amor que é compartilhado por todos dirigentes do PAIGC.

Finalmente, usou da palavra o director da Escola da Embaixada da RDA, Helmut Senst, em nome do Partido Socialista Unificado da Alemanha e da Organização da Juventude Livre Alemã,

Acordos de Camp David

(Continuação da 1.ª pág.)

revendicações de Sadate no que respeita o desmantelamento das colónias israelitas no Sinai». «Parece que Sadate fez maiores concessões que Begin e acarretou assim com maiores riscos», constata a agência France Presse.

Como o sublinhou o observador do «New York Times», Bradsher, Israel recusou-se a conceder a soberania à margem ocidental do Jordão e ao sector de

Gaza, bloqueando assim a possibilidade de fundar mesmo um Estado palestino separado. O acordo dado por Sadate a este plano entra em contradição flagrante com as reivindicações do povo árabe da Palestina, sobre a criação de um Estado nacional.

Os interlocutores de Camp David desejariam que a Jordânia e os «palestinos moderados» se unissem às negociações sobre o estatuto da margem ocidental do Jordão e do sector de Gaza. Num discurso difundido pela rádio israelita, Begin declarou esperar que o rei Hussein jogue um papel na definição do futuro da margem ocidental do Jordão. «Mas, acrescentou logo, deve ficar claro que o exército israelita permanecerá na Judeia, na Samaria (é assim que os extremistas israelitas chamam à margem ocidental) e na região de Gaza e que não haverá aí nenhum outro exército».

O plano assim definido parece não interessar a Hussein que pôs a claro sua posição ao recusar encontrar-se com Sadate no Marrocos. De facto, o rei da Jordânia decidiu adiar, «sine die», uma visita oficial ao Marrocos, onde, 48 horas depois se encontraria com o presidente Sadate. Para tal atitude, a embaixada Jordânica em Rabat explicou que a viagem do soberano hachemita, prevista há já algum tempo, coincidiria com duas outras visitas de

circunstância, a do chefe de Estado mauritaniano, ontem, e a do presidente egípcio, na quarta e quinta-feira, o que levou o rei Hussein a adiar a sua visita.

Mas não é tudo. Sadate está a braços com a demissão do seu ministro dos Negócios Estrangeiros (o terceiro desde a sua viagem à Palestina ocupada), Mohamed Ibrahim Kamel, segundo afirmou ontem de manhã o canal da televisão americana «ABC». Pela voz da jornalista Barbara Walters, Kamel não assistiu no domingo à cerimónia de assinatura, na Casa Branca, dos acordos de Campo David, pretendendo assim protestar contra as concessões feitas por Sadat.

Nos finais do ano passado, Ismail Fahmy, então chefe da diplomacia egípcia, demitira-se em protesto contra a viagem de Sadate à Jerusalém.

A REJEIÇÃO PALESTINIANA

Como o disse o presidente da Câmara de Jericó, Abdel Aziz Swait, «desde o início, da iniciativa do presidente Sadat, não se poderia acreditar em resultados de um acordo separado entre o Egípcio e Israel. Todo o mundo árabe opor-se-á a este acordo visto que é o problema palestino que deve estar no centro do debate político». (FP, Tass)

Conferência sindical caboverdiana

(Continuação da 1.ª)

por objectivo transformar aquele organismo numa Central Sindical».

Representam o, nosso país os camaradas César da Costa e Fernando Pinto Pereira, respectivamente, chefe do Departamento dos Assuntos Jurídicos e responsável do Departamento de Informação, Agitação e Propaganda.

Entretanto, regressou no passado sábado de Cabo Verde, o camarada Amadou Souylem, representante da Frente Polisário na Guiné-Bissau, que se tinha deslocado ao país irmão a fim de contactar com os dirigentes do Partido e do Estado locais.

Durante a sua permanência de quase uma semana, o camarada Amadou Souylem, manteve vários contactos com os representantes do Ministério caboverdeano dos Negócios Estrangeiros e encontrou-se com o camarada Luís Fonseca, membro do Conselho Superior da Luta do Partido e responsável da JAAC em Cabo Verde, que lhe reafirmou o apoio e a solidariedade do Partido para com o povo saharauí na sua justa luta para a conquista da auto-determinação e independência.

ULTIMAS NOTICIAS

COMUNICADO COMUM VIETNAM-FILIPINAS

MANILA 19 — Pham Van Dong e Ferdinand Marcos, respectivamente Primeiro-Ministro do Vietnam e presidente das Filipinas, publicaram hoje um comunicado comum sobre a «paz, a independência, a liberdade e a neutralidade», que os dois dirigentes qualificaram de acontecimento histórico.

O comunicado comum sublinha que Panm Van Dong e Marcos manifestaram o desejo de desenvolver relações de «amizade e de cooperação» entre os países do Sudeste asiático, (FP)

TCHAD: MALLOUM APELA A RECONCILIAÇÃO NACIONAL

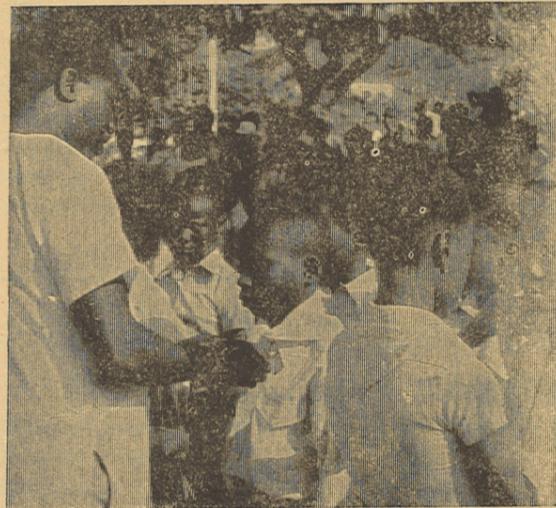
NDJAMENA 19 — O presidente Felix Malloum do Tchad lançou ontem um apelo à mobilização geral de todos os tchadianos para realizarem a reconciliação nacional. Durante uma conferência de imprensa, o chefe de Estado pediu ao povo do Tchad para fazer tudo para conseguir a reconciliação nacional. (FP)

ARABES VÃO FABRICAR AVIÕES

CAIRO 19 — A França e quatro países árabes concluíram no domingo no Cairo um acordo para a produção local do avião francês, «Alpha Jet». Segundo a agência Médio-Oriente que deu a notícia, este acordo prevê o fabrico do avião «Alpha» que será seguido pela construção do «Mirage 2000». O acordo foi assinado pelo presidente da Sociedade de Construção Aeronáutica francesa Marcel Dassault e Ashraf Mawzan, chefe da Organização das Indústrias Militares árabes que agrupa o Egito, a Arábia Saudita, os Emirados-Árabes-Unidos e o Qatar.

15.ª FEIRA INTERNACIONAL DE ARGEL

ARGEL 19 — A décima-quinta Feira Internacional de Argel será inaugurada amanhã, quarta-feira no palácio das Exposições na capital argelina. A Feira de Argel que é um reflexo fiel das realizações económicas sócio-culturais da Argélia tem por tema «a continuidade da batalha da produção». A participação nacional é constituída por 80 exposições do sector de Estado, das empresas socialistas e privadas. Entre os novos países expositores está o Bangladesh os Estados- Unidos, a China, a Holanda e o Senegal.



A 19 de Setembro forjou-se a arma maior da liberdade e do progresso do nosso povo

(Continuação da 1.ª página)

percorrido pelo nosso povo sob a direcção do PAIGC.

O caminho de luta traçado pelo nosso Partido permitiu-nos atingir a nova época de Reconstrução na liberdade que vivemos. Como ontem, teremos de saber respeitar as exigências do momento, exigências de uma época e do compromisso para com o

nosso povo.

O nosso Partido, hoje, dirigido pelos fiéis continuadores de Cabral e que se mantém vivo e forte pelo engajamento sem condições dos seus militantes aos princípios de unidade, progresso e luta, apresenta-se como a garantia sólida de podermos continuar a obra iniciado pelos pioneiros da nossa liberdade e que foi cimentada pelo seu sacrifício e pelo seu sangue.